



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**“O MISTÉRIO DA IMAGEM”: SONHO, FÉ E MEDO NA FORMAÇÃO DE UM
IMAGINÁRIO EM TORNO DO PADRE CÍCERO (CACHOEIRA DO ÍNDIOS - PB)**

RANIELTON DANTAS DE ARAÚJO

CAJAZEIRAS-PB

2017

RANIELTON DANTAS DE ARAÚJO

“O MISTÉRIO DA IMAGEM”: SONHO, FÉ E MEDO NA FORMAÇÃO DE UM
IMAGINÁRIO EM TORNO DO PADRE CÍCERO (CACHOEIRA DO ÍNDIOS - PB)

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

A659m Araújo, Ranielton Dantas de.

“O mistério da imagem”: sonho, fé e medo na formação de um imaginário em torno do Padre Cícero (Cachoeira do Índios - PB) / Ranielton Dantas de Araújo. - Cajazeiras, 2017.

61p.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Crença popular - Cachoeira dos índios - Paraíba. 2. Estátua de Padre Cícero. 3. Imaginário popular. 4. Mistério. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 398.31(813.3)

RANIELTON DANTAS DE ARAÚJO

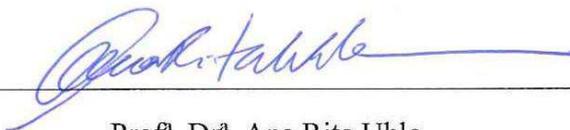
“O MISTÉRIO DA IMAGEM”: SONHO, FÉ E MEDO NA FORMAÇÃO DE UM
IMAGINÁRIO EM TORNO DO PADRE CÍCERO (CACHOEIRA DO ÍNDIOS - PB)

Aprovado em: 08 / 05 / 2017



Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

Orientador



Prof^ª. Dr^ª. Ana Rita Uhle

Examinadora



Prof^ª. Dr^ª. Viviane Gomes de Ceballos

Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Rosilene Alves de Melo

Suplente

CAJAZEIRAS – PB

2017

À memória de minha vó Rosa, que partiu com o sonho de ver-me graduado.

Aos meus pais, por todo apoio, amor e perseverança comigo nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é rememorar toda a trajetória deste trabalho! É lembrar das inúmeras pessoas que contribuíram para a efetivação desta pesquisa. Sem vocês, não teria conseguido. Sou grato a todos!

Primeiramente, agradeço a Deus, por ser luz quando a escuridão surgia, fazendo-me acreditar que era capaz de encontrá-la novamente!

A meus pais, Francisca e Ribamar, por sempre acreditarem em mim, sendo minha base desde o meu nascimento e enquanto existir. A vocês, com amor e agradecimento eterno!

Ao meu irmão José Roberto, que sempre esteve comigo durante este trabalho. Muito obrigado!

A minha avó Rosa de Abreu (*In Memoriam*), que partiu no ano em que iniciei a graduação e sonhou junto comigo a conclusão deste curso. Lembrando da sua frase “quero ver meu neto formado”, agradeço imensamente pelo carinho e amor de uma avó/mãe!

A minha família de Cajazeiras: Dona Lôra, Seu Cícero, Fabiana, Fábio e Vinícius, que me apoiaram e me receberam em sua casa como um filho, durante toda a graduação. Tenho um carinho imenso por todos vocês!

Aos meus amigos do grupo junino “Moleka Enxerida”, em especial, Marcelo, Aélida e Wesley. Na fase final deste trabalho, vocês foram minha alegria, apoio e perseverança. Obrigado por sempre acreditarem em mim!

A minha turma querida, História 2012.1. Sou grato pela amizade, companheirismo e carinho durante nossa trajetória juntos. Lembrarei e levarei comigo tudo que aprendi com vocês nas nossas manhãs. Obrigado Amanda, Benicio, Danilo, Guerhansberger, Ivanilda, Katiane, Laís, Lidiane, Luedna, Risoneide, Rivânia, Walther e Yan!

Não tem como não agradecer de forma especial a alguns. Começo por você, Riso! Para onde for, carrego o que aprendi contigo. Enquanto as disciplinas do curso contribuíam para a minha formação profissional, nossas conversas me tornavam um ser humano melhor. Você me provou que existem pessoas maravilhosas no mundo. Sou eternamente grato à deusa Clio, por ter me presenteado com sua amizade. Tenho por você um amor de irmão!

Katiane, durante todo este trabalho, chorei muito! Não como você chorava durante todo o curso, mas chorei! (risos) Obrigado pelo apoio durante a caminhada acadêmica! Que nossa amizade seja para sempre!

Ivanilda, tenho uma admiração gigante pela sua garra e força de vontade. Obrigado pelo companheirismo, apoio e carinho durante a graduação!

Guerhansberger e Yan, sou grato a vocês pela amizade, apoio e por sempre acreditarem que tudo daria certo!

Laís, permanecemos no navio, navegando entre as dificuldades desta produção monográfica. Tudo teria sido mais difícil sem o seu apoio. Obrigado por muitas das vezes acreditar em mim mais do que eu acreditava! Conte sempre com minha amizade.

Agradeço a minha amiga Maiza Ribeiro, pelas discussões sobre a temática da morte e por sempre dizer: você é capaz, Ranielton! Sou grato pela sua amizade!

Agradeço imensamente aos meus colaboradores: Cícero Albuquerque, Vanderlucia Soares e Egídio Ricardo. Obrigado pelas histórias contadas! Sem a colaboração de vocês, este trabalho não existiria.

Ao meu amigo e orientador, Francisco Firmino Sales Neto, por acreditar em mim mais do que eu acredito. Pelas orientações e sua infinita preocupação que sempre teve pela minha pessoa. Tenho um carinho imenso pelo senhor. Para onde for, levarei comigo seus ensinamentos. És um ser humano incrível!

Aos professores do curso de História: Rosemere, Ana Rita, Viviane, Rodrigo, Rosilene, Isamarc, Rubismar, Osmar, Francinaldo, Silvana, Mariana e Lucinete. Obrigado pelo aprendizado!

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta na construção deste trabalho. Meu muito obrigado!

*O imaginário é o perfume do real. Por causa do
odor da rosa eu digo que a rosa existe.*

(Barbier, 1994)

RESUMO

O presente trabalho explora a construção de um imaginário de medo em torno da estátua do Padre Cícero, localizada na praça central da cidade de Cachoeira dos Índios, no Alto Sertão paraibano. Analisamos os fatos e relatos que envolvem a retirada da estátua da praça, nos anos de 2003 e 2004, relacionadas com a morte do vice-prefeito e prefeito da cidade. São os relatos e narrativas desses eventos que nos propomos a problematizar, como também pensar essa construção imaginária por meio da própria imagem e dos discursos que a cercam. O surgimento de um mistério está relacionado a essas mortes e a essa retirada da estátua da praça, estimulado por um sonho que tentou explicar esses fatos. Metodologicamente, utilizamos a História Oral e as notícias dos jornais sobre os fatos abordados. Amparados pelo viés da História Cultural, pensamos o conceito de imaginário social. Como também, a partir desse enredo social e religioso que envolve a imagem, pensamos a sacralização do espaço público em Cachoeira dos Índios.

Palavras-chave: Cachoeira dos Índios; Praça/Estátua Padre Cícero; Imaginário.

ABSTRACT

The present work explores the construction of an imaginary of fear around the statue of Padre Cícero, located in the central square of the city of Cachoeira dos Índios, in the hinterland of Paraíba. We analysis of the facts and reports that involve the removal of the statue from the square in the years 2003 and 2004 related to the death of the vice mayor and mayor of the city. It is the reports and narratives of these events that we propose to problematize, as well as to think about this imaginary construction through its own image and the discourses that surround it. The emergence of a mystery is related to these deaths and this removal of the statue from the square, stimulated by a dream that tried to explain these facts. The dimension of faith is added to this conjuncture of facts. Methodologically, we use oral history and the news from the newspapers about the facts covered. Supported by the Cultural History, we think this concept of imaginary. As well, from this social and religious scenario that involves the image, we think of the sacredness of the public space in Cachoeira dos Índios.

Keywords: Cachoeira dos Índios; Padre Cícero Square/Statue; Imaginary.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Horto do Padre Cícero – Juazeiro do Norte – CE.....	30
Imagem 02 – Estátua do Padre Cícero – Praça Central – Cachoeira dos Índios – PB.....	32
Imagem 03 – Imagem 03 – Estátua do Padre Cícero – Ipaumirim – CE.....	33
Imagem 04 – Estátua Padre Cícero – São José de Piranhas – PB (1977).....	33
Imagem 05 - Estátua do Padre Cícero (Restaurada) – Cachoeira dos Índios.....	34
Imagem 06 – Vista parcial da Praça Central – Cachoeira dos Índios.....	38
Imagem 07 – Manchete da morte do vice-prefeito de Cachoeira dos Índios publicada pelo Jornal <i>Gazeta do Alto Piranhas</i> , de Cajazeiras-PB.....	48
Imagem 08 – Manchete da morte do prefeito de Cachoeira dos Índios publicada pelo Jornal <i>Gazeta do Alto Piranhas</i> , de Cajazeiras.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - IMAGEM E IMAGINÁRIO: CORPO, PODER E SIGNIFICADO.....	19
1.1 Imaginando a estátua Padre Cícero: os diferentes discursos.....	20
1.2 O poder da imagem: o caso da estátua do Padre Cícero cachoeirense.....	26
1.3 O imaginário em traços, curvas e cores: o Padre Cícero cachoeirense.....	28
CAPÍTULO 2 - PRAÇA PADRE CÍCERO: A SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO.....	36
2.1 Cachoeira dos Índios e sua praça central.....	37
2.2 Uma nova nomenclatura: de Praça Central a Praça Padre Cícero.....	39
2.3 Uma reforma intencional: laicização do espaço público.....	41
CAPÍTULO 3 - ENTRE SONHOS E MORTES: PENSANDO A NARRATIVA DOS FATOS.....	46
3.1 Sonhos e visões: os relatos acerca da morte do vice-prefeito.....	46
3.2 Um segundo sonho... mais uma morte!.....	50
3.3 A trajetória dos fatos: um esquema narrativo.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
FONTES.....	59
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Ao iniciar este trabalho, lembro-me da árdua tarefa de escolher um tema de pesquisa. 2013: o ano mais perturbador da minha graduação! A busca por um tema de pesquisa é o maior desespero de um graduando. Não sei de todos, mas o meu foi. Ver grande parte da turma com um tema estruturado e você sem nenhum é como andar numa estrada e chegar a um abismo sem saída, um verdadeiro penhasco.

A única luz que me guiava nessa escuridão era a certeza de querer trabalhar sobre algo ligado a história local, pelo viés da História Cultural. Cansei de ouvir a professora Viviane Ceballos falar em suas aulas da disciplina Projeto de Pesquisa I que, antes de tudo, devíamos escolher um tema que realmente gostássemos, para a pesquisa não se tornar algo chato e obrigatório. Ela foi testemunha das minhas angústias e desesperos em suas aulas.

A rotina de ser nômade com os temas começou a me perseguir. Viajei na área de educação, ensino, história política, biografia, literatura, nada me agradava em uma totalidade. Sempre faltava algo!

Terminei a referida disciplina com essa angustia de não ter um tema fechado. Na semana entre 17 e 20 de setembro de 2013, participei do *I Seminário Nacional de História e Contemporaneidades*, na cidade do Crato-CE. Na oportunidade, participei do minicurso intitulado *A invenção de um santo: os caminhos historiográficos sobre os fenômenos do Juazeiro do Norte*, ministrado pela Professora Edianne Nobre.

Naquele momento, minha vida acadêmica estava muito confusa, pois não tinha um tema delimitado. Estava em busca de um tema como alguém que procura um tesouro perdido. Tudo no campo da pesquisa era novidade para mim. No decorrer do minicurso, algumas questões foram despertando. Fiquei fascinado pelo tema de pesquisa ali exposto. Edianne Nobre apresentava inúmeros caminhos que envolviam o Padre Cícero. Era um universo gigante para se pensar, inúmeras possibilidades existiam.

Ela também comentou sobre o livro *Milagre em Joazeiro*, de Ralph Della Cava, considerado o primeiro estudo historiográfico em torno da figura do Padre Cícero e seus fenômenos de ordem polêmica e sobrenatural.

O Padre Cícero de Ralph Della Cava não é santo nem herói. Simples, humilde e devoto, igual a tantos sacerdotes do sertão do século XIX, transformou-se, no entanto, pelas circunstâncias, numa das figuras mais controvertidas da história do Brasil. Destina-se essa monografia a dar uma contribuição histórica aos estudos sobre os movimentos religiosos-populares dos séculos XIX e XX. Assim, o objetivo desse trabalho consiste em

fornecer uma história política pormenorizada de um movimento que floresceu, entre 1889 e 1934, no pequenino núcleo rural de Joazeiro, situado no interior do Nordeste brasileiro (CAVA, 1976, p. 12).

Retornei a Cajazeiras com novos olhares e novas perspectivas. A partir daquele evento acadêmico, percebi que era sobre a temática do Padre Cícero que desejava estudar. Mas que Padre Cícero? Sob qual perspectiva? Queria trilhar pelo caminho da história local. Passei o final de semana após esse evento pensando sobre uma possível pesquisa.

Lembrei-me de uma história curiosa, que se passara em minha cidade, envolvendo uma estátua do Padre Cícero, nos anos de 2003 e 2004. Fatos envolvendo uma estátua do padre existente na praça central marcaram o cotidiano da cidade. Em síntese, a história envolve as mortes do vice-prefeito e prefeito de Cachoeira dos Índios. Segundo o imaginário local, essas mortes estão ligadas à estátua por meio de sonhos que teriam ocorrido. Neles, uma romeira¹ disse que viu o Padre Cícero ao lado das vítimas. Esses sonhos seriam contemporâneos aos acidentes que vitimou os gestores da cidade.

Assim, foram essas visões que despertaram minhas maiores inquietações. Decidi que era sobre esses eventos que gostaria de pesquisar. Mas qual caminho seguir? Qual metodologia? Qual corrente historiográfica? Mas agora tinha um tema definido. Junto com ele, muitas inquietações, dúvidas e hipóteses.

Conheçamos um pouco da história que pretendemos problematizar nesta pesquisa. No ano de 2003, o vice-prefeito da cidade de Cachoeira dos Índios morreu vítima de um acidente automobilístico. No ano seguinte, o prefeito da cidade morreu nas mesmas circunstâncias, vítima de um acidente de carro. A sociedade procurava uma explicação para esses fatos. Nesse mesmo período, a praça central passava por uma reforma. Nesse espaço existia uma estátua do Padre Cícero, que necessitou ser retirada para que a reforma da praça pudesse acontecer. Na ocasião, um sonho protagonizado por uma moradora da cidade trouxe uma mensagem para a população: o pedido de retorno imediato da estátua para a praça. Como afirma a moradora: caso contrário, algo terrível aconteceria na cidade.

Essa relação da estátua com as mortes foi a explicação encontrada para a sucessão dos fatos trágicos. Dessa forma, pensamos realizar uma pesquisa pelo viés do imaginário social, percebendo os discursos que estão na base da produção de um imaginário de medo em torno

¹ A romeira, conhecida como Dona Chagas é a protagonista dos sonhos. Procuramos essa senhora para tentarmos conversar com ela sobre a história. Porém, em conversa com familiares da mesma, afirmaram que ela não comenta sobre o assunto e, desde o ocorrido, ela toma medicamentos, pois isso afetou muito sua saúde mental.

dos acidentes e, por conseguinte, da imagem do Padre Cícero. Acerca do conceito de imaginário social, discute Backzo:

O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos <<discursos>> nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações coletiva numa linguagem. [...] os imaginários sociais fornecem, deste modo, um sistema de orientações expressivas e afectivas que correspondem a outros estereótipos oferecidos aos agentes sociais: ao indivíduo relativamente ao seu grupo social; aos grupos sociais relativamente à sociedade global, as suas hierarquias e relações de dominação (BACKZO, 1985, p. 311).

Dentro desse tema de pesquisa, temos a figura do Padre Cícero, mortes, sonhos e visões, característicos da religiosidade popular, discursivamente elaborados em notícias de jornais e nos relatos dos moradores locais. Acerca disso, Sousa (2010) afirma que esse conjunto de visões, sonhos, aparições, visitas ao céu ou ao inferno que são narrados pelos sertanejos, através de vivências, situações e atitudes, são caracterizados como religiosidade popular. Assim sendo, amparado pela História Cultural, pensamos em trabalhar esse tema sob a perspectiva dos imaginários sociais. A partir da ideia de Le Goff, entendemos o imaginário como algo que,

Transborda o território da representação e é levado adiante pela fantasia, no sentido forte da palavra. O imaginário constrói e alimenta lendas e mitos. Podemos defini-lo como o sistema de quimeras de uma sociedade, de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto (LE GOFF, 2011, p. 16).

Isso nos remete à dimensão mais simbólica do imaginário: o encontro entre as representações sociais, as narrativas que as definem, as imagens que evocam e, sobretudo, as construções mentais que despertam. Neste caso, a dimensão misteriosa dos sonhos e dos medos que cercam nosso objeto de investigação. A partir disso, surgiu a problemática em estudo: Como se construiu um imaginário em torno da estátua do Padre Cícero? Que imaginário é este? Como fé, mistério e medo foram transformados em elementos de explicação dos fatos aqui analisados? Este trabalho é fruto dessas inquietações, as quais tentarei responder ao longo do trabalho. Destarte, nossa proposta é entender como se construiu esse imaginário, quais elementos completam essa construção, enfim, pensar quais mecanismos produziram esse imaginário em torno da estátua do Padre Cícero existente na praça central de Cachoeira dos Índios.

Dito de forma resumida, o Padre Cícero foi um grande líder religioso brasileiro. Nascido em 1844, na cidade do Crato, estado do Ceará, trilhou uma vida religiosa polêmica. Foi também líder político na cidade de Juazeiro do Norte. Porém, o que o tornou um líder da religiosidade popular foi suas atuações no âmbito religioso, sobretudo o fenômeno do milagre da hóstia, que aconteceu a partir do dia 01 de março de 1889. Quando Maria de Araújo recebeu a comunhão das mãos do Padre Cícero, acredita-se que a hóstia consagrada se transformou em sangue na boca da beata. A partir desse fato, e dos desdobramentos que ele provocou, o Padre começou a ganhar um grande número de fiéis por todo o Brasil. Pessoas de todo o país são devotas do Padre Cícero, por acreditarem nos seus milagres. Em nossa região essa prática se apresenta de forma mais intensa. Uma figura importante para o Nordeste, tanto pelos seus feitos durante sua trajetória religiosa, como também pela fé e devoção que ele desperta. Como reflexo dessa devoção, temos na nossa região inúmeras praças com a imagem do Padre Cícero – uma forma de homenageá-lo e de manter viva as práticas religiosas/populares em torno de sua figura.

Para a efetivação da pesquisa, em termos metodológicos, utilizamos como fonte jornais que trataram dessas mortes, apresentando sua repercussão no decorrer do noticiário. Utilizamos também a história oral para apreendermos as narrativas e significações discursivas em torno da imagem e dos acidentes. Apropriamo-nos, ainda, de imagens da praça e da estátua para um estudo do espaço público, pensando essas práticas e crenças que compreendem o religioso e o social. Sabemos que a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre episódios, momentos, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história. Assim, neste trabalho, utilizamos a história oral para entendermos como se funda o imaginário em torno da figura do Padre Cícero. Usamos as entrevistas paralelamente com outras fontes, como os jornais e o vídeo documentário que apresenta a narrativa dessas mortes relacionadas à retirada da estátua.

Quando iniciamos a pesquisa, pensávamos em utilizar como fontes históricas as atas da Câmara Municipal da cidade, contendo informações do projeto de lei da construção da praça, como também o projeto de reforma da mesma. Porém, não tivemos acesso a essa documentação.

A partir da perspectiva de Pesavento (2011), entendemos que a História Cultural, sobretudo a chamada de Nova História Cultural, está produzindo uma nova forma de a história trabalhar com a cultura. Ela aborda a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura seria uma forma de

expressão e tradução da realidade, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma simbólica e historicamente situada. Sendo assim, desenvolvemos uma pesquisa pelo viés cultural. Como aponta Pesavento,

[...] a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar aquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe, [...] (PESAVENTO, 2004, p. 42).

Para organizar a narrativa, dividimos o trabalho em três capítulos. Não há uma preocupação em seguir rigorosamente a cronologia dos fatos, mas sim em expor as ideias em função dos problemas e questões levantadas, de modo que a ordem dos capítulos pode ser alternada sem maiores prejuízos à leitura do texto.

Nesses termos, a proposta do primeiro capítulo, intitulado *Imagem e imaginário: corpo, poder e significado*, é pensar a estátua do Padre Cícero como imagem, traduzida como uma representação visível, a partir da escultura existente na praça central de Cachoeira dos Índios. Refletiremos acerca dos fatores que estão interligados à produção de um imaginário em torno da estátua. Os fatores que cercam a teia de formação e informação dessa construção imaginária partem dos discursos sobre a imagem e o modo como eles são direcionados e articulados pelas narrativas. Nesse capítulo, analisaremos textos teóricos que discutem o conceito de imagem e imaginário para pensarmos essa estátua em termos estéticos e simbólicos. Isso significa dizer que, metodologicamente, analisamos a própria imagem (estátua) para entendermos suas especificidades e sua relação com esse imaginário que se criou em torno dela.

No segundo capítulo, *Praça Padre Cícero: a sacralização do espaço público*, temos como objetivo discutir o espaço social deste trabalho: a praça Padre Cícero, enquanto espaço público, apresentando e refletindo acerca dos seus elementos físicos, seu cotidiano, interações sociais e práticas culturais que são vivenciadas e construídas nesse local. Tratamos, principalmente, de como a praça se transformou em um espaço sagrado, a partir dos eventos envolvendo a estátua, ou seja, a sacralização de um espaço público e que, pretensamente, deveria ser laico.

As fontes utilizadas nesse capítulo serão entrevistas, contendo os discursos diversos sobre a história da praça, para que possamos analisar como esse espaço se construiu, quem usufrui dele e quais as práticas cotidianas ali travadas. Nesse sentido, a praça não é apenas pano de fundo onde os eventos ocorreram, mas ele tem papel central nos sentidos que os fatos adquiriram.

No terceiro capítulo, intitulado *Entre sonhos e mortes: pensando a narrativa dos fatos*, historiamos os fatos e relatos dos dois eventos, duas mortes ocorridas entre os anos 2003 e 2004, com personagens tidos como importantes para a cidade, que acabaram por configurar um sentido trágico para os acontecimentos, tecido por fios misteriosos e intrigantes. O lugar social em que se deu o desenrolar dos fatos é a cidade de Cachoeira dos Índios, localizada no Alto Sertão paraibano, mais precisamente, a praça central da cidade. Temos como foco principal problematizar esses fatos cercados por mistério, que configuram uma trama amedrontável em torno do seu personagem principal: a imagem do Padre Cícero. Como metodologia, utilizamos uma produção jornalística que nos ajuda a atender quais mecanismos colaboraram para a construção desse imaginário.

CAPÍTULO 1

IMAGEM E IMAGINÁRIO: CORPO, PODER E SIGNIFICADO

A trajetória da pesquisa nos levou cada vez mais a refletir sobre o objeto de investigação deste trabalho: a estátua do Padre Cícero, localizada na praça central da cidade de Cachoeira dos Índios. Primeiro, por sua propalada relação com os eventos tratados – no campo dos discursos, ela aparece como elemento responsável por acontecimentos fatídicos: a morte do vice-prefeito e do prefeito. Segundo, por sua estética peculiar, para não dizer “estranha”, moldada em traços totalmente diferenciados das demais estátuas do Padre que existem pela região.

Assim sendo, nossa proposta é refletir sobre o corpo da imagem, pensando a cultura visual enquanto produtora de um imaginário, em conjunto com a narrativa que está atrelada à imagem. Fazemos isso amparados pelo pensamento de Jean-Claude Schmitt:

Pelo termo ‘imagem’ designamos em todos os casos a representação visível de alguma coisa ou de um ser real ou imaginário: uma cidade, um homem, um anjo, Deus, etc. Os suportes dessas imagens são os mais variados: fotografia, pintura, escultura, tela de televisor. Mas o termo ‘imagem’ concerne também ao domínio do imaterial, e mais precisamente da imaginação [...] (SCHMITT, 2007, p. 12).

No caso, o objetivo é pensar a estátua do Padre Cícero como imagem, traduzida nos termos de uma representação visível, a partir da escultura existente na praça da cidade; e pensar os aspectos que estão interligados na produção do imaginário em torno dela. Os fatores que cercam a teia de formação e informação dessa construção imaginária partem dos discursos que são dirigidos à imagem e o modo como eles são orientados e definidos pela própria narrativa jornalística que os noticiou.

Basta conhecermos os discursos dos eventos que cercam a imagem do Padre Cícero cachoeirense, veiculados pela mídia, para elaborarmos um pensamento sobre ele e, conseqüentemente, para guardarmos certa imagem em nossa mente. Conhecendo ou não a história de vida do personagem e sua estátua, formularemos um Padre Cícero a partir das associações feitas pelas narrativas que nos forem contadas. Portanto, construímos um imaginário em torno da imagem do religioso, principalmente a partir dos significados diretos que são atribuídos a ela.

Nessa perspectiva, a ideia central deste primeiro capítulo se pauta em uma análise visual da estátua e, também, problematizar esse imaginário que se criou em torno dela, legitimando a praça como espaço sagrado intocável – a partir dos seus símbolos, crenças, ações e interações que permeiam um espaço sacralizado. Em outras palavras, queremos analisar como o próprio traço estético da imagem colaborou para a construção desse imaginário de medo.

1.1 Imaginando a estátua Padre Cícero: os diferentes discursos

Com as mortes dos administradores municipais de Cachoeira dos Índios conectadas diretamente à retirada da estátua, esses fatos ganharam visibilidade nacional. Algumas equipes televisivas destacaram a notícia na época. Uma delas foi o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) que, no programa “Domingo Legal”, se propôs a apresentar aquilo que chamou de um “fato estranho” ocorrido no sertão da Paraíba. Posteriormente, essa reportagem se tornou de domínio público, sendo disponibilizada na *internet*, em um canal do *YouTube*, cujo vídeo se intitula “O mistério da imagem”.²

Nessa reportagem-entretenimento intitulada “O mistério da imagem”, de onde partimos para pensar o título do nosso estudo, temos vários discursos acerca dos fatos que envolveram a estátua do Padre Cícero existente na praça, relacionando-a às mortes. Há toda uma trajetória que contribuiu para a construção de um imaginário em torno da estátua. Desde a produção midiática em torno desses fatos até os discursos citadinos, há toda uma conjuntura de fatores sociais entrelaçados nessa construção imagética, envolvendo sujeitos, símbolos e espaços.

Uma temática central desses discursos é o sonho. Na reportagem, a viúva do vice-prefeito Chico de Lino afirma que uma moradora da cidade, conhecida como Dona Chagas, havia a procurado para contar sobre um sonho. Nele, Chico de Lino aparecia juntamente com o prefeito Dr. Sousa Bandeira e, no meio dos dois, estava o Padre Cícero.

Analisando essa afirmação, percebemos que o sonho é o elemento de destaque da narrativa. Todos os discursos citam o sonho de Dona Chagas e buscam respostas para ele. Isso acontece porque a mensagem transmitida pelo sonho foge a realidade social, apelando para o sobrenatural: inaugura uma associação dos fatos com o Padre Cícero, colocando-o em cena. A

² Vídeo disponível no *Youtube*, onde são apresentados alguns discursos das diversas camadas sociais sobre os eventos que envolvem a reforma da praça e as mortes dos administradores. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xG6v94gbf3s>>. Acessado em 30/08/2016).

mensagem relatada pela protagonista do sonho é que, se a estátua não retornasse imediatamente à praça, algo temeroso aconteceria na cidade. Mais tarde, esse sonho voltaria a se repetir.

Sabemos que os sonhos são característicos da religiosidade popular e do imaginário cristão. Na hagiografia dos santos católicos, o sonho é um elemento constante. Na própria narrativa de vida do Padre Cícero consta um sonho, no qual Jesus o atribuía a função eclesiástica no Juazeiro do Norte. Os sonhos, no caso em estudo, também foram responsáveis pela configuração imaginária em torno da estátua. Podemos entender que o sonho é um dos principais colaboradores para a construção desse imaginário de medo, pela própria mensagem que ele transmite para a coletividade: ouvir o santo e cumprir o que ele estaria determinando, sob o risco de coisas ruins acontecerem. Dessa forma, não estamos pensando o sonho pelo sonho, mas sim os significados que estão sendo atribuídos a ele.

É necessário olhar para esses significados e perceber que eles decorrem de uma religiosidade popular e trazem consigo características dessa fé. Os elementos presentes no sonho falam muito. Por exemplo, temos a imagem do Padre Cícero marcada pela fé popular e pelo respeito à figura dele, resultado do acreditar no poder que o Padre emana: sua imagem tem poder para os fiéis cachoeirenses. Esse imaginário de medo é construído. E essa construção parte justamente da ideia de que ele tem poder para isso, colaborando para a materialização do temor.

Nessa reportagem, enquanto alguns discursos narraram o sonho acreditando fielmente na mensagem que ele transmitia, outros narraram de forma mais cética, tentando minimizar a repercussão junto a sociedade. Por exemplo, a fala do padre local traz um discurso diverso, afirmando que Deus ama a todos e jamais castigaria alguém. Ainda segundo o pároco, como o Padre Cícero é querido por milhares de fiéis, com certeza, a retirada da estátua não agradou a população, de modo que seu retorno era o melhor a se fazer. Mesmo negando a possibilidade de as mortes serem atribuídas ao Padre Cícero, nas entrelinhas, o pároco local também deixa transparecer sua preocupação com os sentidos assumidos. Assim, entendemos que o imaginário social é coletivo e, neste caso, está conectado com a ideia do sagrado. Entendemos que o sonho é a representação desse sagrado, que faz brotar um imaginário de medo presente na coletividade social de Cachoeira dos Índios. Como propõe Backzo:

[...] os guardiões do imaginário social são, simultaneamente, guardiões do sagrado. A margem de liberdade e inovação na produção de todas as representações coletivas, em especial na dos imaginários sociais é particularmente restrita. O simbolismo da ordem social, da dominação e

submissão, das hierarquias e privilégios [...] as técnicas de manejo desses símbolos se confundem com a prática de ritos que reproduzem o fundo mítico [...] (BACKZO, 1985, p. 300).

A própria reportagem televisiva, com seu aparato midiático, cria um panorama sobrenatural em torno da notícia, fomentando os discursos que já foram acionados sobre o fato. Nesse sentido, Flausino nos ajuda a pensar o imaginário a partir da notícia, afirmando:

Assim, o imaginário na produção da notícia é utilizado com o objetivo de mobilizar e de evocar imagens já previamente criadas, publicizadas, utilizando o simbólico para exprimir-se e para existir. [...] As notícias – num contexto que mistura realidade construída e imaginário social – mesclam também entretenimento e informação, num processo claro de folclorização dos acontecimentos, o qual se alicerça na realização de desejos, na busca pela conformidade, na recriação e validação de valores, de tradições e de crenças (FLAUSINO, 1999, p. 43-44).

Isso significa que é uma característica do discurso jornalístico operar com imaginários sociais para provocar impressões e viabilizar interpretações entre seus leitores. Em grande medida, o leitor/espectador aciona um repertório de imagens disponíveis para dotar de sentido o texto lido. Neste caso, o “mistério da imagem” ganha contornos visuais, consolidando-se em um medo em torno da estátua do Padre Cícero.

A reportagem ainda apresenta os discursos de outras pessoas da cidade, discordando da retirada da estátua e acreditando no sonho de Dona Chagas, que diz ter sonhado com Padre Cícero pedindo o retorno imediato da estátua para que o pior não acontecesse na cidade.

A notícia ajuda a elaborar um imaginário para a estátua, como também o próprio discurso dos entrevistados pela reportagem contribui para essa construção. É isso que nos interessa nesse momento, atentar para os mecanismos que produzem essas verdades imaginárias. Assim, pensamos a notícia midiática, em conjunto com os discursos dos sujeitos inseridos na realidade dos fatos, como algo construído, sobretudo, uma construção imaginária para a estátua.

A reportagem inicia com o repórter apresentando a história que envolve a estátua, no próprio cenário em que ocorreram os fatos: a praça central de Cachoeira dos Índios. São esses locais estratégicos, onde se delimita o acontecido, que o faz ser recordado com mais intensidade. Os produtores da notícia sabem que aquele espaço se tornou simbólico para os devotos: um espaço sagrado.

A primeira entrevistada é a viúva do vice-prefeito Chico de Lino. Em sua fala, ela apresenta a situação que a praça estava antes da reforma, isto é, que a área pública estava

destruída; e que o prefeito demoliu aquele espaço com o intuito de construir outro estilo de praça. Relatou também que, de fato, a estátua foi retirada para que a praça pudesse ser reconstruída, não colocando a estátua de volta ao lugar original.

No discurso da viúva vemos traços que contribuem para a construção desse imaginário. Quando ela afirma que mesmo a reforma sendo pensada para uma melhoria do espaço urbano, ela também confirma que a estátua não retornou para a praça. De imediato, temos dois caminhos para pensar: uma possível tentativa de laicização do espaço público por parte dos gestores, como também deixa margem para os devotos atribuírem o conceito de castigo direcionado às vítimas dos acidentes. Assim, o imaginário se torna algo coletivo, ganhado uma força maior, pois o público devoto do Padre Cícero na cidade é grande. Flausino afirma que

A noção de imaginário é interclasse, algo partilhado nas relações sociais. Na elaboração de uma ordenação do mundo, o homem faz a si mesmo e a sua própria história, além de produzir as crenças, os mitos e as ilusões. Nas sociedades contemporâneas, a construção da notícia faz parte desse processo e é também resultado dele (FLAUSINO, 1999, p. 42).

Nessa perspectiva, o imaginário se caracteriza a partir de uma coletividade, onde a mídia atua em conjunto, evocando o simbólico e se tornando um mecanismo indispensável para os sujeitos pensarem ou agirem. Quando a mente explora o símbolo, ela se vê levada por ideais que estão além do alcance da razão.

Na segunda parte da reportagem, o cenário é preenchido pela Igreja Matriz da cidade. Nesse momento, o repórter apresenta um breve discurso acerca da figura do Padre Cícero e de sua relação com a Igreja Católica, afirmando que a Igreja não reconhecia o Padre como santo. Por existirem muitos devotos em Cachoeira dos Índios, ele reforça novamente que a retirada da estátua causou uma grande confusão na cidade.

A todo momento, percebemos que as estratégias da mídia contribuem para essa construção do imaginário em torno da cidade, da praça e da estátua do Padre Cícero. A notícia veiculada pela mídia, além de entretenimento, traz o poder de fornecer respostas a perguntas desconcertantes. As imagens que se produzem pela mídia, por meio da representação, constituem esse imaginário.

Na sequência, ao ser entrevistado, o pároco da cidade afirma que não foi uma boa ideia a retirada da estátua, tendo em vista que o padre Cícero é um símbolo para a região sertaneja e nordestina, havendo um grande apreço e amor pela figura do religioso. Esse ato, segundo o padre, deixou a comunidade devota descontente. Vemos que a postura do padre

local também se coloca de forma insatisfeita com a retirada da imagem. Como padre e líder espiritual, sua fala é de suma importância para os devotos. Seu discurso, em grande medida, procura reconstituir a sacralidade do espaço público, questionando a retirada de uma imagem religiosa, mesmo que não oficializada pela Igreja Católica.

O pároco local sai de cena para a viúva voltar a tela:

Ele (Chico de Lino) falava com Dr. Souza para colocar o Padre Cícero. Aí, só que Dr. Souza queria colocar na praça vizinha. Aí coloca hoje, coloca amanhã, aí não foi colocado. Daí foi abaixo.

[Repórter: Por ele a estátua estaria no mesmo lugar?]

No mesmo lugar. Aí Dr. Souza coloca hoje, coloca amanhã, num colocou (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

A partir do discurso da esposa do vice-prefeito, percebemos que o prefeito queria laicizar o espaço da praça. Seu intuito não era apenas dar uma nova modelagem estética, mas também atribuir novos significados a esse espaço social. Significados que excluiriam o caráter religioso fortemente presente na praça, marcada pela imagem do Padre Cícero. Com isso, as práticas religiosas seriam deslocadas também. Os ofícios do terço, promessas e acendimentos de velas como formas de agradecer e interceder ao Padre Cícero todo dia 20 de cada mês seriam esquecidos, deixados para trás.

A reportagem segue com o jornalista afirmando que Chico de Lino continuou insistindo para que o prefeito Souza Bandeira retornasse a estátua para a praça, até o dia 15 de junho de 2003. O discurso coloca as datas e fatos estrategicamente. Sempre atrelando a retirada da imagem às mortes. Percebe-se que ele termina seu discurso justamente com a data que ocorreu o acidente do vice-prefeito. Essas articulações fazem a notícia produzir “verdades” atreladas aos fatos. São essas verdades, acionadas pelo simbólico, que formulam e dão base para o imaginário emergir nesse espaço social.

Um elemento forte que aparece na reportagem, portanto, é o sonho de dona Chagas. Em seu discurso, ela afirma:

No sonho eu via ele. Ele falava só na estátua. Era ele de um lado, Dr. Souza... era a estátua no meio, Dr. Souza de um lado e ele do outro. Eu sonhei duas vezes. No sonho ele chegava e dizia: - num voltou a estátua de jeito nenhum. Aí eu dizia: - não.

[Repórter: a primeira visão foi procurar Nena...?]

Eu disse a Nena. Nena, Chico apareceu a mim, pedindo pra voltar a estátua. Era ele e Dr. Souza. A estátua no meio, ele do lado e Dr. Souza do outro [...]

(O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

Todos os discursos e elementos apresentados na reportagem colaboram coletivamente para a formação desse imaginário em torno da estátua. Sejam os discursos, o espaço como algo sagrado e os sonhos e visões como aquilo que fogem a razão. Elementos que sobrepostos, traduzem a construção desse imaginário.

Essas narrativas apresentadas na reportagem por diferentes sujeitos acionam sentidos que são diretamente ligados à imagem. Numa oscilação, ora creem na estátua, oram desacreditam, elaborando um imaginário em torno da estátua. Sobretudo, a partir dos eixos que aparecem tanto nas palavras, quanto nos gestos e expressões daqueles que relatam o fato: medo, poder e fé.

Por exemplo, vejamos o discurso do pároco da cidade:

Acredito que de cristão em primeiro lugar, é que Padre Cícero não se alegra, não se alegrou. Não é vingança, infelizmente é uma fatalidade. Infelizmente, como eu disse a você, as pessoas procuram uma explicação e a primeira explicação, no caso, esses sonhos que essa mulher teve, essa senhora teve, todo respeito a ela, mas as pessoas procuram uma explicação e a primeira explicação que vem é essa: a retirada da imagem (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

Percebemos, a partir do discurso do pároco, que esse imaginário do medo e poder em torno da estátua se firma a partir do momento que a população cachoeirense atrela como uma explicação para as mortes a retirada da estátua. A estátua se torna responsável pelo acontecido a partir dos discursos dos indivíduos da cidade de Cachoeira dos Índios. Ou seja, ela ganha significados a partir dos discursos produzidos pelos indivíduos e veiculados pela mídia, fundamentada nessa relação com as mortes.

O discurso da viúva do vice-prefeito também nos apresenta essa crença depositada na fé e no temor ao Padre Cícero, quando ela diz que:

Ela (Dona Chagas) me procurou mesmo! Com um mês e quinze dias ela me procurou e disse que tinha sonhado com Chico. Um sonho dizendo que pedisse a mim ou a Bodin. Bodin que é o prefeito hoje que assumiu. Para pedir a gente para falar com o tio dele, que era prefeito, colocar estátua [Sic] Aí eu falei com Dr. Souza para colocar a estátua (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

Percebemos que a viúva acreditou no sonho, pois procurou o prefeito para avisar que a estátua deveria voltar para a praça. Sua crença no poder da imagem e o fato envolvendo a morte do seu marido comprovariam o mistério. Para ela, a morte está diretamente ligada a retirada da estátua. A todo o momento do vídeo, fica presente a frase: “Ele voltou do além para pedir por Padre Cícero” (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

Ao final da reportagem, o repórter lança uma questão para os cachoeirenses: “teria alguma relação entre a retirada da estátua e as mortes?” (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007). As respostas, mesmo sendo distintas, apresentam-se sempre com essas ideias: medo, poder e fé.

Destarte, fica notório que a construção do imaginário se dá a partir de interações entre os sujeitos que vivenciaram um determinado momento, em determinada sociedade. Ainda na perspectiva de Flausino (1999), pensamos essa noção de imaginário como algo partilhado nas relações sociais, onde o homem faz a si mesmo e sua própria história, produzindo as crenças e os mitos. Nesse caso, como afirma Le Goff, o imaginário se firma como “uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam” (LE GOFF 2011, p. 11).

Nossa proposta é mostrar a contribuição dos veículos de comunicação, no caso a notícia jornalística, como parte dessa construção do imaginário para a estátua do Padre Cícero na cidade de Cachoeira dos Índios. Apresentamos os mecanismos, sujeitos, espaços, técnicas, estratégias e caminhos que estão envolvidos nesse processo social, capazes de produzir esse imaginário. Entendemos que o imaginário produzido através da notícia e dos discursos dos sujeitos envolvidos “é uma força coletiva, um elemento fundamental da consciência, um poder mediante o qual produzimos representações globais da sociedade e de todo aquele que nela se relaciona [...]” (FLAUSINO, 2009, p. 44). O imaginário, portanto, está longe de ser apenas um acessório das relações sociais.

1.2 O poder da imagem: o caso da estátua do Padre Cícero cachoeirense

Para um estudo mais detalhado da estátua do Padre Cícero, localizada na praça de mesmo nome, em Cachoeira dos Índios, temos inúmeras formas de interpretações, metodologias e conceitos que podem ser apropriados a fim de acomodar uma discussão que nos leve a resultados de algumas hipóteses. Todavia, o que vai diferenciar será o caminho traçado, a partir das escolhas feitas frente ao objeto de estudo.

Quase sempre temos que fazer escolhas, estando ciente que, enquanto historiadores, jamais seremos capazes de alcançar uma totalidade. São essas escolhas que nos permitem fazer algo novo, instigante, nos colocando a deriva de novos olhares, novos questionamentos. Poderíamos seguir pela linha de trabalho de Le Goff, pensar a estátua enquanto monumento, produtora de uma memória coletiva e urbana. Porém, optamos por seguir a partir de um olhar voltado para o *imago*³, na tentativa de uma reflexão não só sobre a imagem e o imaginário, mas também a produção de significados, usos e funções nos contextos social e religioso, que a envolve.

A escultura do Padre Cícero localizada na praça central de Cachoeira dos Índios interage diretamente com dois polos: a religiosidade popular e o espaço social (a praça pública). Assim, devemos atentar para cada um deles. Afinal, a ideia é pensar a imagem e seu imaginário atrelado a um contexto onde se evidencia seus usos e significados.

A relação Padre Cícero e Igreja Católica se apresentou de forma conflituosa após o desencadeamento dos supostos milagres envolvendo a beata Maria de Araújo, na região do Cariri cearense.⁴ Porém, foram esses “milagres” que o tornaram um ícone da religiosidade popular, não oficializada pela Igreja Católica, ganhado inúmeros devotos que até hoje visitam a cidade por ele fundada, o Juazeiro do Norte, onde se encontram os símbolos maiores de referência a sua atuação: sua casa, a igreja de Nossa Senhora das Dores, seu túmulo e o principal monumento em sua lembrança: a estátua na colina do Horto.

Ao longo dos anos, sua popularidade foi além no tempo e no espaço, chegando aos dias atuais e a outras cidades nordestinas. É característica local, em quase toda cidade do interior nordestino, a existência de uma praça com a estátua do Padre Cícero. Em cada espaço citadino, ocorrem usos particulares e significados próprios atrelados à estátua. Em Cachoeira dos Índios, tem-se o costume de todo dia 20 de cada mês, a celebração de uma missa, relembrando o aniversário de morte do beato: 20 de julho de 1934. Alguns devotos usam roupa preta neste dia e o culto a imagem é constante. Muitos param por minutos longos e ficam observando a imagem, rezando.

Sabendo que a imagem se localiza na praça central da cidade, usos são feitos dela e, em consequência disso, eles constroem significados. No lugar social em que a estátua está inserida sujeitos transitam, ações se dão e espaços são ocupados por uma coletividade que efetiva esses usos, por meio das suas crenças e rituais religiosos.

³ Na cultura do Ocidente Medieval, o termo latino *imago*, de onde proveio nossa palavra imagem, apresenta valor semântico rico e variado. SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

⁴ Ver a obra *Milagre em Joazeiro* (1976), de Ralph Della Cava.

A devoção é o feito principal do devoto. Aquele que acredita na imagem está com frequência na praça, de joelhos, rezando, acendendo velas, pedindo proteção para a família. Esse ato, perpetuado durante anos, legitima a fé daquele que crê. Esse uso da imagem por meio da devoção nos mostra o significado de poder que é atribuído a ela.

Outro uso é feito a partir da procissão. Ela usa a imagem envolvendo um coletivo de fieis, no qual grupos de pessoas se reúnem e saem em procissão com cânticos e orações, com destino à praça central. Esse ato também é executado no dia vinte do mês. O dia vinte, para os devotos do Padre Cícero, é uma data significativa, pois é o dia que ele morreu. Portanto, o significado da procissão do dia vinte representa a comemoração do aniversário de morte do padre, como também uma forma de lembrar seus feitos, seus “milagres”.

Essa procissão nos revela que a religiosidade popular se apresenta de modo forte em Cachoeira dos Índios. A fé popular ainda é presente em seu espaço social, fruto dessa estátua e dos fatos que a envolveram recentemente. Assim, percebemos que a imagem comporta esse poder de manter viva a fé, por meio dos usos sociais que são feitos pelos próprios devotos, como nos apresenta a reportagem do jornal *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, em 19 de março de 2011: “Mistério reforça fé romeira [...] em Cachoeira dos Índios, fatos envolvendo uma estátua do Padre Cícero fizeram com que romarias aumentassem”.

O culto a imagem traduz outro uso. Esse ritual de cultuar a imagem é bastante executado na praça. O culto se cristaliza pela fé na imagem, pela crença no seu poder, na sua capacidade de intervenção no mundo terreno. Conforme propõe Schmitt, esse contato do devoto com a imagem é uma experiência de fé preñe de significados: “Entre a imagem e o devoto, a troca de olhares é desde o primeiro momento determinante: ao fixar a imagem dos olhos, este último sente-se invadido por uma presença viva, antes de encontrar em sonho a confirmação de seu poder ativo [...]” (SCHMITT, 2007, p. 19).

Isso nos leva a refletir sobre a estética da estátua, o que ela provoca a partir do contato visual, envolvendo seus usos e significados na relação imagem e devoto, sua relação com o cotidiano/sociedade.

1.3 O imaginário em traços, curvas e cores: o Padre Cícero cachoeirense

O Padre Cícero foi uma figura que se consagrou como um dos principais personagens da religiosidade popular. Cícero Romão Batista apareceu no cenário sertanejo brasileiro ao final do século XIX. Sua trajetória de vida, com seus feitos e ações, o transformou no maior ícone da religiosidade popular no Brasil, sobretudo no Nordeste.

Os fatores mais polêmicos e conhecidos que envolvem o Padre Cícero são os supostos milagres⁵ envolvendo a beata Maria de Araújo. Depois desses acontecimentos, ele começa a ganhar visibilidade em todo cenário nacional. O povo brasileiro começou a crer no Padre. Em pouco tempo, ele se transformou em protagonista da fé popular.

Com o passar do tempo, o número de devotos no Brasil cresceu consideravelmente. Sua figura como “santo” cristalizou-se na memória do povo brasileiro. A crença e a fé no Padre, marcadas pelas procissões e romarias, conduzem milhares de devotos ao Horto, localizado em Juazeiro do Norte, no Ceará. A ida dos romeiros a Juazeiro do Norte consiste em pagamentos de promessas, como forma de agradecimentos por graças alcançadas. A visita ao espaço sagrado de Juazeiro do Norte, tendo como ícone maior a estátua localizada na colina do Horto, nos revela a fé de um povo que crer nessa figura.

A figura do Padre Cícero se cristalizou principalmente pela fé romeira e pela produção material e imaterial desse universo. A literatura de cordel, narrativas e biografias presentes em livros de caráter religioso, jornalístico e historiográfico, como também suas representações em imagens, colaboram para manter vivo essa figura popular sacralizada.

No interior do Nordeste brasileiro, as estátuas estão no centro de inúmeras praças. A maior de todas essas imagens é a do Horto, sendo a “matriz” cultuada e admirada por milhares de romeiros. A estátua do horto mede 27 metros de altura, toda em cor branca. A estátua traz o padre Cícero trajando uma batina branca, em postura reta, braço direito dobrado com a mão segurando um cajado. O outro braço está suspenso, agarrando o chapéu. Na base, tem uma escadaria que dá acesso ao piso da estátua.

⁵ “Os supostos milagres consistiam em afirmar que a hóstia transformava em sangue, que o Padre Cícero dera em comunhão a uma mulher do povo: Maria de Araújo. O fenômeno repete-se várias vezes, em público. Provocava discussões pela imprensa debates generalizados. Médicos são enviados a Juazeiro para verificar se se trata ou não de um caso clínico. [...] Os propalados milagres do Padre Cícero determinariam romarias cada vez mais avultadas de nordestinos pobres para o minúsculo povoado surgente ou talvez estagnado [...]” (FACÓ, 1976, p. 135-136).



Imagem 01 – Horto do Padre Cícero –
Juazeiro do Norte - CE.

Fonte: Fotografia de Francisco Firmino
Sales Neto, 2012.

A imagem acima é o centro do espaço sacralizado de Juazeiro do Norte. Como “ícone matriz” que comporta as manifestações e crenças religiosas ao longo dos anos, está completa por significados cotidianos desse espaço social. Todas essas manifestações se voltam para a imagem e o poder que ele exerce em cenário nacional.

Para além da “estátua matriz”, outras existem em várias cidades do interior nordestino. Nessa pesquisa, particularmente, estudamos a estátua localizada na praça Padre Cícero, em Cachoeira dos Índios, localizada no interior paraibano, estando a 131 km de distância de Juazeiro do Norte.

A imagem localizada na praça, em caráter visual, é totalmente diferenciada da estátua do Horto e da maioria das representações que existem em outras cidades. Sabemos que as imagens são formas intermediárias entre o terrestre e o divinal. Em concordância com Schmitt, a imagem “preenche a ausência, ultrapassa as barreiras da morte, desvela os últimos fins, antecipa o tempo da promessa. Por ela formam-se as *imagines*, que serão depois conservadas na memória” (SCHMITT, 2007, p. 16-17).

Sabendo do objetivo das imagens, em seu costume principal, pensamos a imagem enquanto estética visual. Pois, desde o início dessa pesquisa, nosso olhar se volta para essa

estética peculiar, que muitos chamam de “estranha”, da estátua. Ela apresenta um Padre Cícero com estatura bem pequena, rosto largo, pescoço um pouco torto para o lado direito e o chapéu quase cobre seus olhos pequenos e pretos – em contraste com as imagens que o representam com olhos claros, geralmente azuis.

A fisionomia facial da estátua é que mais prende nossa atenção. Pois, são os traços tortos, um semblante fechado, mal desenhado, totalmente distinto dos demais monumentos que existem, marcam e reforçam esse medo. Pela própria estética, a imagem colabora para a criação desse imaginário de medo.

A estátua é totalmente diferente da existente no Horto, como também das demais existentes na região. A imagem da praça central de Cachoeira dos Índios mostra o Padre Cícero vestindo uma batina preta que, para o mundo, significa morte e, em termos litúrgicos, segundo Inham (2015):

Seu simbolismo é rico, entretanto varia de acordo com sua utilidade. É a cor que antecede a luminosidade e o brilho, cor da noite. No âmbito cristão, simboliza o sono da mente, tempo de reflexão e espera. Cor da privação [...] - luto. É uma cor usada em celebrações fúnebres e pode ser substituída pelo roxo. Ainda é permitido o azul sendo particularidade da Espanha para celebrações a Nossa Senhora, como diz Conlay e Anson [...] (INHAM, 2015, p. 26-27).



Imagem 02 – Estátua do Padre Cícero – Praça Central –
Cachoeira dos Índios – PB.

Fonte: Acervo pessoal.

Sobreposta a batina preta, ele traça uma sobrepeliz⁶, que chega pouco mais abaixo da cintura. Por cima, uma estola⁷ roxa e um rosário de madeira em tamanho desproporcional para a estátua.

Sua postura se apresenta de forma reta, tendo a cabeça coberta por um chapéu preto, inclinada para a direita. O braço esquerdo está suspenso e o direito curvado para o peito, segurando o cálice com o santíssimo sacramento da eucaristia. A título de comparação, temos essa imagem localizada na cidade de Ipaumirim, no estado do Ceará, em veste preta com botões brancos, cajado e bíblia na mão.

⁶ A sobrepeliz é semelhante a alva, desce até abaixo dos joelhos e tem mangas largas. Era usada originalmente sobre a túnica, forrada de pele, usadas durante o inverno pelos celebrantes. O principal objetivo da sobrepeliz era ocultar a túnica de pele que era longo, o que levou a alargar as mangas para que pudesse caber, uma vez que a alva era mais estreita.

⁷ A estola baseia-se em uma longa faixa seguindo a cor litúrgica. Passa por trás do pescoço do celebrante e solta a frente. É usado acima da tunicela ou alva e abaixo da casula. Acredita-se que tenha originado das faixas usadas pelos senadores e cônsules romanos para mostrar autoridade. Foi adotado como paramento cristão, assim como a maioria dos paramentos litúrgicos, quando a Igreja passou a ser reconhecida através de Constantino.



Imagem 03 – Estátua do Padre Cícero – Ipaumirim - CE.

Fonte: Fotografia de Francisco Firmino Sales Neto, 2014.

Esse mesmo modelo estético de Ipaumirim pode ser encontrado na estátua do Padre Cícero que está na praça da cidade paraibana de São José de Piranhas, que é datada de 1977, ou seja, contemporânea à imagem de Cachoeira dos Índios.



Imagem 04 – Estátua Padre Cícero – São José de Piranhas - PB.

Fonte: Fotografia de Francisco Firmino Sales Neto, 2014.

Visivelmente, percebemos que a estátua do Padre Cicero presente na praça é totalmente diferente da que existe no Horto e em outras regiões. Suas indumentárias fogem do padrão de vestes com as quais estamos acostumados a vê-lo em outros lugares. Por exemplo, o uso da sobrepeliz, traje usado apenas nas procissões, ao invés de uma simples batina.

A estátua local não traz apenas tons neutros, claros e monocromáticos, que fazem alusão a pureza, como a estátua do Horto. Ela se apresenta com vários tons, várias cores, que o apresenta como um sacerdote mais institucionalizado com a Igreja Católica, reforçando seu poder e proximidade com o mundo celestial para seus devotos.



Imagem 05 – Estátua do Padre Cícero (Restaurada)

Praça Central – Cachoeira dos Índios.

Fonte: Acervo pessoal.

Essa imagem nos mostra com mais detalhes os símbolos agregados à estátua. O Padre Cícero segura em meio ao peito um ostensório, objeto que serve para guardar a hóstia consagrada, que também é usado em procissões. Seu olhar, com a cabeça curvada, nos remete

um olhar desconfiado, que se correlaciona aos discursos em torno da imagem. Sua própria estética, causa medo visual, desperta estranheza e mistério.

Outro aspecto é sua postura com pescoço e cabeça inclinados, com traços bem distorcidos. Não é uma imagem como as demais, o contato visual nos permite enxergar essa estranheza dos traços. Pensando em conjunto dos fatos místicos que a envolveram, sua estética estranha colabora para esse imaginário cercado pelo medo e pelo poder. É vista como uma imagem misteriosa, pois desde seus traços até os discursos que a cercam ela se apresenta e é representada assim: por uma inquietação de medo, chegando ao ponto das pessoas não quererem nem falar dos fatos que a cercam, nem muito menos pensar em restauração ou algo do tipo, resultado do imaginário que se criou em torno dela.

Esse mistério, que desperta o medo à imagem, é reforçado no próprio discurso apresentado na matéria do *Diário do Nordeste*:

Francisca das Chagas [...] disse que durante um sonho, o Padre Cícero apareceu e avisou-lhe que, se a estátua não voltasse imediatamente para a praça, muita gente importante iria morrer na cidade. Como o prefeito não atendeu o pedido, a maldição se confirmou. Na semana seguinte, o vice-prefeito morreu, [...] depois o próprio prefeito morreu, nas mesmas circunstâncias. A sequência de tragédias só terminou quando a imagem voltou para a praça [...] (DIÁRIO DO NORDESTE, 2011).

No caso, a imagem traz nos próprios traços, curvas e cores os sentidos desse imaginário. A própria postura apresentada pela estátua nos revela interpretações de um Padre Cícero misterioso, poderoso que, por meio da fé depositada nele e todos os aparatos religiosos que compreendem esse espaço do sagrado, confere a ele um poder divino. Esses sentidos se mostram pelo respeito ao sagrado, como pelo poder que a estátua expressa na cidade.

Uma estátua que tem sua estética totalmente diferenciada das demais, evocando o mistério que está diretamente ligado ao medo. Um imaginário de medo se firma pelo poder negativo que, creem, ela pode exercer. Diferente das demais estátuas do Padre Cícero, que promovem milagres, o de Cachoeira dos Índios possuiria um lado mal e vingativo que, ao ser relacionado com as mortes, traduz o sentido de castigar quem o retirou de seu local.

CAPÍTULO 2

PRAÇA PADRE CÍCERO: A SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

O objetivo deste capítulo é discutir o espaço social que atua com centralidade para o *fazer* deste trabalho: a praça Padre Cícero, enquanto espaço público, apresentando e refletindo acerca dos elementos físicos, cotidiano, interações sociais e práticas culturais que são vivenciadas e construídas nesse ambiente. Muitas questões nos inquietam ao olhar para a praça. Questões como as tensões entre o sagrado e o profano, que envolvem as discussões entre o laico e o religioso. É uma praça totalmente diferenciada das demais da cidade, principalmente no que diz respeito aos seus significados, a partir dos seus símbolos e dos eventos que a envolve.

Como aponta Yokoo,

Ao arguir sobre a temática “praças” não se pode perder de vista o enfoque da espacialidade a qual as praças também estão inseridas, bem como, da nova conotação que esta representa nos dias de hoje, tendo como um dos principais agentes as novas relações sociais (YOKOO, 2009, p. 01).

As praças estão diretamente ligadas à cidade, suas ruas, becos, pontos comerciais que interagem com as mesmas. Elas são uma espécie de chave mestra que, interligada aos outros espaços da cidade, constroem trajetórias e identidades dos agentes históricos que rodeiam esse espaço. O modo como cada praça é pensada influencia nas relações sociais, como também interfere no desenvolvimento das práticas culturais de uma sociedade.

Seus elementos físicos, combinados com as ações humanas, promovem essa configuração de organizar lugares e promover mudanças constantes ao longo do tempo. Praças são, sobretudo, lugares de formação de identidades, por meio dos seus fazeres sociais, evocando aos sujeitos os elementos culturais de uma época e lugar. A Praça Padre Cícero, espaço que ganha notória discussão neste capítulo, não se apresenta diferente. Ela comporta características e elementos próprios, como o simbolismo religioso, revelado a partir do poder expresso pela estátua que abriga.

2.1 Cachoeira dos Índios e sua praça central

Cachoeira dos Índios é uma pequena cidade, localizada no alto sertão paraibano, com uma população de aproximadamente 9.546 habitantes, conforme dados do IBGE (2010). A origem do atual município data de 1905. Segundo informações contidas no banco de dados históricos do IBGE, no ano de 1905, vieram de Antenor Navarro, atual cidade de São João do Rio do Peixe, o casal Manoel Cândido e Maria Madalena Cândido. Eles adquiriram uma propriedade junto a Serra Coatí. Em seguida, outras famílias se instalaram na região. Entre elas, mencionam-se os Davi, Moreira, Guedes, Paulino, Sousa, Teixeira, Leite, Garcia, Marques Feitosa, Ricarte, Faustino e Pereira.

Como aponta o IBGE, a povoação que começou a surgir foi nomeada com o nome de Catingueira. Em 1920, foi erguida a primeira capela do lugar, cujo patrimônio foi ofertado pela viúva de Manoel Cândido. Depois de melhorias e acréscimos, tornou-se a Igreja Matriz, hoje Nossa Senhora da Conceição. Seus moradores enfrentaram as secas de 1915, 1942 e a mais contemporânea de 1970. O aumento do novo povoado levou logo seus líderes a brigarem pela emancipação política, sob liderança do Sr. Antônio Cândido de Oliveira, capitão melhorado do exército, conhecido como “Capitão Cajazeiras”.

É uma cidade com uma área urbana relativamente pequena, destacando-se pelas praças espalhadas pelo seu território. São elas: praça Frei Damião, localizada na saída para o Ceará; praça da Igreja Matriz; praça Nossa Senhora da Conceição; e a praça central, também chamada de praça Padre Cícero. Fica notório que em todas existe uma relação entre as praças e a Igreja Católica, de modo que a religiosidade nomeia e significa esses espaços públicos.

A praça central é o ponto de encontro para namoros, conversas de amigos, também visitada por feirantes e moradores da zona rural, que frequentam matinalmente a cidade quase todos os dias. Como toda cidade do interior, a praça central de Cachoeira dos Índios traz esse cotidiano marcado pela simplicidade e pela interação das pessoas, pois todos se conhecem e diariamente trocam experiências, revelando suas vivências, seus problemas, suas histórias.

Esse espaço social divide lugar com o religioso. Em meio a todas essas sociabilidades construídas nesses encontros na praça, temos as práticas religiosas. Práticas como as rezas, o acender de velas e as promessas, que se tornam possíveis pelo existir da estátua do Padre Cícero, criando uma identidade socio-religiosa para o espaço.

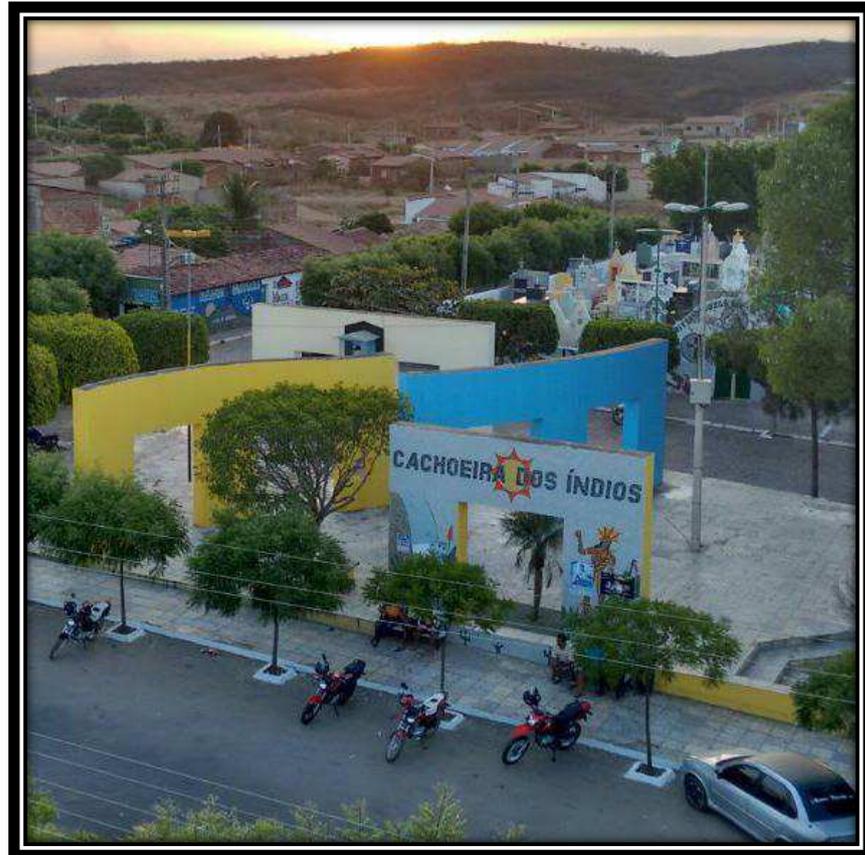


Imagem 06 – Vista parcial da Praça Central (Cachoeira dos Índios)

Fonte: Internet (Domínio público).

A imagem acima nos mostra como se apresenta atualmente a praça Padre Cícero, praça central da cidade de Cachoeira dos Índios. Sobre sua construção inicial, não temos a data exata. Porém, desde então, passou por muitas modificações, tanto estéticas como em termos de significados que foram e são atribuídos para a mesma. A cada reforma, novos valores se criam em torno da praça e outros são deixados de lado, esquecidos no tempo.

Na sua gênese de construção, ela fora pensada como as demais praças, um local público que servia como espaço de encontros e desencontros, chegadas e partidas, trocas de experiências e uma forma de lazer para a sociedade. A partir das contribuições de VIERO (2009, p. 16), entendemos que a praça pode ser determinada, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações, que propicie convivência e/ou diversão para os seus visitantes.

Sabemos que ao longo do tempo, as praças tiveram seus usos e sentidos ressignificados. Esse perfil de praça que temos hoje foi resultado de uma série de

modificações estéticas e funcionais, por meio de valores que foram ora atribuídos, ora retirados. São essas mudanças que vão moldando o perfil de uma praça, a partir dos usos e significados atribuídos pelos sujeitos que as frequentam, sempre tendo sua identidade marcada pelas particularidades locais, como por exemplo, a estátua do Padre Cícero existente na praça, que a transforma em um espaço de práticas e usos sagrados.

A praça central da cidade de Cachoeira dos Índios é um local de referência para a cidade por causa de sua localização. É a praça mais bem localizada da cidade, estando ao lado da rodovia que cruza a cidade e dá acesso ao vizinho estado do Ceará e tendo um fluxo e rotatividade alta. É um dos únicos espaços de lazer da cidade, pequena e bem interiorana. Durante muito tempo serviu de cenário para encontro de namorados, roda de amigos, conversas de compadres e comadres e para crianças brincarem.

Era uma praça com aspecto puramente social, sobretudo laico, composto apenas por bancos e árvores, tendo apenas esse atributo: interação social. Mas, com o passar do tempo, ela mudou de nome, se renovou, ganhou um novo significado, atribuindo novos valores e construindo novas sociabilidades. Valores que a tomam como espaço do sagrado, como as missas, terços e pagamentos de promessas.

Esse espaço se modificou no decorrer do tempo histórico, trazendo novos símbolos para o cenário urbano. Mas que elemento seria capaz de modificar o significado de uma praça, fazendo-a até mudar de nome? E que novos significados são atrelados a esse novo símbolo? Que sujeitos promoveram essa mudança e quais resistiram a ela? E por quê? São algumas das inquietações que pretendemos discutir neste capítulo.

2.2 Uma nova nomenclatura: de Praça Central a Praça Padre Cícero

A praça central de Cachoeira dos Índios, em meados dos anos 1970, passou por uma alteração no seu espaço físico que acabou resultando numa série de mudanças. Um elemento foi acrescido em seu cenário, um personagem forte, com uma história polêmica. Que elemento foi esse? Quem foi o idealizador da mudança e por qual motivo?

No início dos anos 1970, seu Sebastião Soares de Albuquerque exercia seu mandato de vereador, durante a administração do prefeito Antônio Francisco (1970-73), que estava tendo seu mandato cassado. Como cita nossa colaboradora, Vanderlucia Soares da Silva, filha de seu Sebastião:

Era porque assim, no caso dele, ele... ele era vereador na época dessa confusão... que que... pra defender Antônio Francisco de não ser cassado o mandato. E aí, ele chegou e estavam esperando ele pra fazer ele a força assinar o documento. Aí ele se revoltou lá dentro da câmara e deu facada em documento, deu facada em presidente de câmara [...] (SILVA, 2016).

Ela continua:

[...] disse que até repórter tinha lá na câmara. E disse que o repórter pulou de cima da casa de Antônio Feitosa, outros... sei que disse que ele, ele... que o povo conta, que disse que ele se transformou, ele virou um bicho. Sim, disse que pra pegar ele foi preciso a polícia inteira pegar ele e quase que ainda não pega (SILVA, 2016).

Nesse cenário de confusão e fuga, narrado por dona Vanderlucia, seu pai acabou sendo preso. Segundo sua família, ele fez uma promessa para sair da cadeia, cuja promessa é o motivo da mudança na praça. Quem nos contou com mais detalhes sobre a prisão foi seu filho, Cícero Bezerra Albuquerque:

[...] ele ficou sessenta e dois dias na cadeia [...]Aí ele fez essa promessa pra por essa estátua lá, pra ele sair rápido. Ele ficou sessenta e dois dias preso, por que aconteceu um *problemas* lá na Câmara com ele lá, aí teve que ir pra cadeia...aí ele fez essa promessa pra por a estátua de Padre Cícero naquela... naquele local lá (ALBUQUERQUE, 2016).

Sua promessa consistiu em trazer uma estátua para Cachoeira dos Índios e a instalar na praça por volta de 1975. No caso, seu Sebastião seria o idealizador desse projeto, trazendo um elemento religioso e agregando um novo caráter à praça. Com isso, a praça ganhou novos valores e significados, onde a laicização perdeu espaço.

Sobre o trajeto e chegada da estátua em Cachoeira, comenta seu Egídio Alencar:

Ele disse que era uma promessa que ele fez. Aí, aí combinou. Eu vou arranjar o carro *pra nós* ir. Tá bom, bora. Aí eu nunca votei em *Antôin* Francisco e ele votava. E eu dum lado, ele dôto! Mais deu certo, *nóis fumo pegar lá, truxemo, Antôin* também num disse nada não. Aí fez o *pontim* dele. Aí quando foi pra fazer esse... Foi obrigado a tirar, né? Que a praça aumentou mai, foi em *ôto istilo* né, *inda* hoje tá assim. Aí *ficô* lá, aí vai, vem hoje, vem amanhã, *aí sei que quano 'foi Bodin tum...* foi prefeito e começou, com *pôcos* dias ele já foi logo *fazêno*! Na merma semana *que 'le* assumiu já foi *fazêno, fazêno o pontim* [Sic] (ALENCAR, 2016).

A partir desse fato, a praça passou a ser conhecida popularmente como praça Pe. Cícero e seu lugar social passou a dividir os namoros e as conversas de amigos com a religiosidade popular que, por sinal, sempre se mostrou forte na cidade. Um novo perfil de praça se formava naquele momento, seu cotidiano mudou, onde sociedade e religiosidade se imbricaram, construindo uma nova identidade para a praça central, com um olhar fortemente religioso. Depois dessa mudança, os costumes foram para além de encontros e conversas, dividindo espaço com as rezas, os terços e pedidos ao Padre Cícero, por meio da adoração à estátua.

A praça se firmou como espaço sagrado, pois se transformou em um espaço de oração, pedidos, rezas e, sobretudo, respeito à imagem do Padre Cícero, que agora se tornou elemento central desse espaço público urbano. Dessa forma, fica claro que elementos e símbolos tem o poder de reconfigurar e moldar espaços. A partir do contato entre os indivíduos, novos lugares surgem e outros são repensados.

Percebemos, então, que a chegada da estátua na praça e todo o simbolismo religioso que a envolve são capazes de traçar novas trajetórias, marcadas por ações humanas que influenciam nesse processo histórico. O lugar laico deixou de ser a característica geral da praça, cedendo espaço para a fé, com suas crenças, costumes e manifestações religiosas e culturais. Depois da chegada da estátua à praça, o espaço se mesclou entre o sagrado e o profano, entre o social e religioso, criando uma nova identidade para o lugar, uma identidade plural, marcada pelas práticas que envolviam a estátua e pelas práticas sociais ali existentes.

2.3 Uma reforma intencional: laicização do espaço público

A praça representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo (CALDEIRA, 2007, p.14).

A praça Padre Cícero de Cachoeira dos Índios, ao longo dos anos, passou por esse processo camaleônico, modificando-se e adquirindo novos significados. Um espaço cotidiano que agregou valores a partir de suas práticas, costumes e ações ao longo do tempo, sobretudo, sem perder a sua particularidade de espaço coletivo.

Desde a inclusão da estátua, em meados dos anos 1970, a praça manteve seu cenário religioso, onde costumes e práticas da religiosidade popular se fizeram presentes de forma primordial nesse contexto. Esse cotidiano urbano nos apresenta um lugar cheio de

particularidades, repleto de manifestações culturais e sociais. Mais uma vez, percebemos que a praça se caracteriza, sobretudo, como um espaço coletivo que, por vezes, também é um campo de conflito, onde batalhas se travam em torno dos significados, especialmente a partir das ações políticas que sobre ela agem.

O motor de partida para esses conflitos se deu a partir da proposta de mudanças arquitetônicas e estéticas que feriram um lado da história. Como é o caso da Praça Padre Cícero, que tendo uma rotina de significados e ações continuada por aproximadamente trinta anos, se viu no impasse de uma possível mudança, proposta pela administração municipal, no início dos anos 2000.

Durante a pesquisa, uma das perguntas que mais nos inquietou foi: qual a intenção dessa reforma? Como sabemos, essa pesquisa se deu justamente a partir de eventos que estão inteiramente ligados a essa reforma.

Os eventos que estão atrelados à reforma já foram apresentados no primeiro capítulo. O momento agora é pensar como essa reforma orientou discursos que geraram conflitos entre as diversas camadas sociais da cidade, propondo discutir a intencionalidade da obra.

Dentre os vários discursos elencados pela população, alguns são bastante curiosos e despertam inquietações. O discurso da administração municipal, que se faz presente no já comentado vídeo “O mistério da imagem” é que a praça estava velha, deteriorada e necessitava de um reforma urgentemente. Já o discurso dos devotos do Padre Cícero se apresenta diferente, como consta o seguinte depoimento da nossa colaboradora:

Porque ele [seu Sebastião] num queria que a estátua saísse dali. Aí, ele... ele até foi lá... disse que até discutir mais Dr. Souza , discutiu. Dr. Sousa querendo botar na cabeça dele que ia arrumar uma...um local pra colocar *padim ciço* e ele disse que se você num tiver onde colocar, eu tenho onde colocar ele. Eu faço na minha calçada... que era aqui... ou então eu levo pro Angical⁸. [...] Era o que falavam. Dr. Souza queria tirar a praça, aliás, a estátua (SILVA, 2016).

Com os discursos apresentados, percebemos que se configura um embate entre os personagens das camadas religiosa e política da cidade. Cada um defendendo seu lado, com seus argumentos e demonstrações de significados que giram em torno da praça, sobretudo, em torno do destino da estátua. Aparece claramente uma batalha dos sujeitos que defendem esses lugares. Para nós, a partir desses discursos, fica claro a intencionalidade da reforma e que categoria ela atinge. Mesmo sabendo que a função do gestor municipal é cuidar das praças,

⁸ Nome do sítio que Seu Sebastião morou desde criança.

fica visível que a proposta da reforma apresentada pelo prefeito seria primordialmente laicizar o espaço público. Com isso, feriu diretamente os significados, dogmas e costumes da religiosidade popular que se davam na praça, inviabilizados pela ausência da imagem.

A partir dessa realidade, começou a se construir uma trama baseada num conflito de significados. Enquanto o sistema político lutava para laicizar o espaço, os fiéis batalhavam para não perderem seu lugar. Gerou-se, assim, tensões em torno dos usos do espaço pelas principais classes da sociedade cachoeirense: o povo e o grupo político que estava no poder.

Enquanto o conflito movimentava a cidade, a estátua se manteve guardada na biblioteca municipal. A praça se tornou um espaço laico ou permaneceu religioso? E que fatores contribuíram para o fim desse embate na esfera social?

Dr. Souza seguiu a reforma, com o seu objetivo, mantendo a estátua afastada. Mesmo com todos os avisos sobrenaturais, como caracterizam os discursos presentes nos jornais, ele prosseguiu sem retornar a estátua ao seu lugar na praça. Porém, no dia 31 de março de 2004, seu ideal de laicização fora interrompido pela sua precoce e catastrófica morte, causada por acidente automobilístico. Como o vice-prefeito já havia morrido, com a morte do prefeito, o presidente da câmara assumiu a administração municipal, concluindo a reforma da praça e trazendo de volta a estátua.

Essa tentativa de tornar o espaço público laico, mesmo não tendo êxito, fora responsável por uma série de acontecimentos curiosos, segundo os jornais repercutiram nacionalmente e nos possibilitou um olhar histórico dos fatos. Os eventos que envolvem a teia dos acontecimentos acabaram configurando e atrelando o conceito de mistério para os mesmos. Vários jornais publicaram, por todo o Nordeste, matérias sobre os fatos, trazendo uma manchete unanime: “Mistério reforça fé romeira”. Toda essa produção midiática em torno desses fatos, acabou por classificar os acontecidos como misteriosos. A todo tempo, a mídia reforçou essa ideia de que os fatos não se explicavam facilmente, havia um mistério que o cercava. E esse mistério está ligado a estátua do Padre Cícero.

A partir dos jornais e dos discursos dos cachoeirenses, podemos apresentar como se caracterizou esses eventos, apresentando a praça, sua origem, sua trajetória, suas mudanças e permanências, percebendo que todo esse caminho ao longo do processo histórico em torno desse espaço público foi marcado por mudanças de significados sociais, culturais e religiosos.

Hoje, com essa última reforma, em sentido arquitetônico e físico, a praça é composta por paredes soltas e moldadas em curvas, com portas pintadas com cores padrões da administração atual, que lembram paredes de casa, tendo ainda pequenas árvores e bancos. Na frente e ao centro tem uma parede em tom cinza, decorada com azulejos coloridos e

quebrados que traz, no lado direito, o desenho de índio e, no esquerdo, de uma cachoeira; e, no topo, o nome da cidade com um sol centralizado.

Na frente da praça temos a PB 420, estacionada pelo ponto de táxi e moto-táxi. No lado esquerdo, localiza-se o bar e lanchonete Central. À direita, um mercadinho e, por trás da praça, está situado o cemitério municipal da cidade, onde estão enterrados Dr. Sousa Bandeira e Chico de Lino, ex-administradores municipais. No canto inferior esquerdo, temos o monumento do Padre Cícero, com uma proteção de vidro, tendo sua visibilidade frontal coberta pelas paredes, aparecendo apenas sua cobertura final, que protege da chuva e do calor do sol.

Nesse sentido, nos esclarece YOKOO e CHIES,

[...] as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais ou religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades de entretenimento. [...] A praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas (YOKOO; CHIES 2009, p. 02).

Dessa forma, mesmo com todas as mudanças, tanto em um sentido estrutural quanto de significados, a praça permanece com alguns traços culturais antigos e ganhou novos sentidos. Pois, como percebemos a partir da reflexão de YOKOO, o papel primordial das praças é promover, por meios das manifestações e ações cotidianas, a interação dos indivíduos que a frequentam com intencionalidades distintas.

Dentro dessas manifestações, estão os ritos religiosos da fé popular, que acabam por construir uma identidade religiosa para o espaço público. A exemplo disso, temos as procissões: “a partida é um centro físico e social de autoridade e poder religioso: uma igreja. Seu roteiro por outro lado, marca uma área onde se sacraliza um dado espaço da cidade que, por isso mesmo, acaba se tornando nobre ou sagrado” (ANDRADE, 2011, p. 205).

Assim, por meio dessas práticas da religiosidade popular, em consonância com o imaginário que cerca a imagem, o espaço da praça se mostra sagrado. A praça ganha uma identidade puramente religiosa, desvinculando-se do aspecto político.

Na perspectiva de Rosendahl, entendemos que “O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROSENDAHL, 1999, p. 233). A partir dessa definição, pode-se dizer que a praça central de Cachoeira dos Índios é um espaço sacro, devido a devoção e a religiosidade existente nesse espaço e por sua história,

envolvendo a estátua, que busca legitimação nas crenças consideradas de ordem sobrenatural por parte dos romeiros da cidade. Assim, como nos esclarece Pereira e Oliveira (2009), “O significado do espaço sagrado se reflete em toda a cidade: na economia, na sociedade, na cultura, na política, nas atividades artísticas e teatrais e no turismo que é baseado na religiosidade do lugar”. (PEREIRA e OLIVEIRA, 2009, p. 42). Desse modo, a praça influencia em vários setores da cidade.

A tensão social gerada pela reforma acabou construindo na cidade um imaginário em torno da imagem do Padre Cícero. Um imaginário fortemente marcado por um conceito tríplice: medo, mistério e fé. Esse medo é o que mais nos chama atenção, pois até hoje essa história é relatada na cidade, principalmente quando se está na praça, quando se olha para a estátua. Dessa forma, essas tensões sociais nos revelam um desejo duplo: a vontade de um grupo em tornar a praça em um espaço laico, como também o desejo dos romeiros em manter o caráter religioso do lugar.

CAPÍTULO 3

ENTRE SONHOS E MORTES: PENSANDO A NARRATIVA DOS FATOS

O objetivo deste último capítulo é problematizar a narrativa dos dois eventos, as duas mortes, ocorridas entre os anos 2003 e 2004, com personagens tidos como importantes pela sociedade cachoeirense. Elas acabaram por configurar uma trajetória trágica dos acontecimentos, tecida por fios misteriosos e conflitantes.

Os eventos aconteceram da seguinte maneira: no dia 15 de junho de 2003, o vice-prefeito da cidade de Cachoeira dos Índios morreu, vítima de um acidente automobilístico, na serra de Monte Horebe, próximo a cidade de São José de Piranhas. Em menos de um ano, o prefeito da mesma cidade também morreu da mesma maneira, vítima de acidente.

A sociedade procurou explicações para os fatos. Não aceitavam que fosse mera coincidência. Nesse mesmo período, como vimos, a praça central da cidade passava por uma reforma. Para a realização dessa reforma, a estátua do Padre Cícero foi retirada. Nesse panorama apareceu ainda um elemento forte: o sonho de Dona Chagas. Esse sonho trouxe à tona uma possível explicação para os acidentes. Segundo os jornais, a retirada da estátua estaria ligada às mortes.

Temos como foco principal, problematizar esses fatos cercados por um mistério, que configuram uma trama amedrontável em torno do seu personagem principal: a imagem do Padre Cícero. Buscamos compreender como se deu o desenrolar dessas duas mortes, sobretudo, como se estabeleceu essa relação com a estátua do Padre Cícero, localizada na praça central, desencadeada por uma vertente tríplice: a fé, o medo e o mistério, apresentando a trajetória que foi costurando cada fato, interligando um ao outro, concretizando essa história como algo “sobrenatural”.

3.1 Sonhos e visões: os relatos acerca da morte do vice-prefeito

Como a maioria das cidades interioranas do Nordeste brasileiro, Cachoeira dos Índios, localizada no interior da Paraíba, também tem no seu espaço social público, uma praça central. A praça é nomeada de praça Padre Cícero, pois, além dos bancos, árvores e paredes, ela é composta por um elemento principal: a já apresentada estátua do “Padin Ciço”.

Essa praça, no início dos anos 2000, passou por um aperfeiçoamento. Segundo a administração municipal, essa reforma se fazia necessária, pois a praça estava velha, acabada

e feia. Mas será que era só isso? Ou havia outras questões em jogo? Pois, antes da reforma, a praça central tinha um caráter puramente religioso, em seu espaço social, seus símbolos e práticas cotidianas. Como vimos, o fato de reformá-la ia além da estética e muitas questões apareceram depois da reforma.

Alguns discursos em torno dessa reforma nos apresentam determinadas justificativas para tal fato. Era preciso dar um novo estilo àquela praça, já que adentramos em um novo século, tornando-a representante do novo, tendo a sugestão de um novo nome: “Praça novo milênio”, afirmou a funcionária da Câmara Municipal, em conversa comigo, enquanto pesquisava. Refletindo sobre tal conversa, podemos perceber que esse ato traz uma reforma para além do concreto, seria uma reforma pautada na mudança de significados.

Outro elemento curioso que cerca essa nova construção é o conjunto das paredes que foram edificadas de maneira pouco compreensível no meio da praça, um estilo diferente, sendo algo desproporcional para uma praça. Em busca por resposta constantemente, eis que surgiu uma plausível. Algumas pessoas da elite política cachoeirense afirmam que a praça ficou bem mais apresentável, como esse novo estilo e, também, “cobriu” um pouco a frente do cemitério municipal, que fica por trás da praça. Juntando algumas peças soltas, podemos justificar a construção dessas paredes como uma forma de tornar menos visível esse cemitério que, para muitos, incomoda, uma vez que é próximo a uma área central muito frequentada, por ser um espaço social composto por bares.

Refletir acerca dessa reforma é algo constante para nós. Ainda há muitas respostas que precisam ser encontradas. Porém, outras já aparecem nesse momento da pesquisa. Sendo uma reforma liderada pela administração municipal, ela toca e fere muito outros espaços e indivíduos, sobretudo o espaço religioso. Pois, durante a reconstrução da praça, seu monumento principal, a estátua do Padre Cícero, foi retirada e guardada na biblioteca municipal. A partir desse ato, há todo um desdobramento de fatos, marcados por embates político e religioso, dentro da cidade.

Em um primeiro momento, não havia questionamentos. Afinal a ideia de retirar a estátua era algo normal para que a reforma pudesse ser efetivada. Só que um sonho apareceu nessa trama para mudar todo o enredo, acrescentando outros fatores, outras personagens e outros elementos de cunho fortemente religioso. A protagonista do sonho é Dona Chagas, moradora da cidade, que relatou a aparição de padre Cícero ao lado do vice-prefeito, pedindo o imediato retorno da estátua ao seu local de origem. Caso contrário, fatos trágicos iriam acontecer na cidade, envolvendo pessoas importantes. Ela procurou a família do prefeito para avisar do ocorrido.

A partir da apresentação do sonho, começamos a perceber a formação de um embate, envolvendo questões políticas e religiosas. Sobre isso, assim nos conta Vanderlucia Soares:

Na época ele [Dr. Souza] queria sem a estátua, no caso na hora... no tempo de Chico de Lino [...] Que aconteceu, ele mesmo assim, ainda... [breve silêncio] Por que só voltou quando Bodin tomou... Só voltou quando Bodin tomou de conta, que aí foi na época também que ele morreu, ela tava na prefeitura, na biblioteca, aí tava... aí foi quando Bodin voltou... aí foi feito em procissão, todo mundo... o pessoal fizeram (SILVA, 2016).

Segundo nossos depoentes, antes do sonho, o vice-prefeito Chico de Lino insistiu que a imagem deveria retornar o mais rápido possível. Como afirma sua esposa, seu interesse pelo retorno imediato da estátua era algo frequente, estava sempre conversando com o prefeito sobre esse assunto. Mas seu poder era bem menor, não dependia só dele.



Imagem 07 – Manchete da morte do vice-prefeito de Cachoeira dos Índios publicada pelo Jornal *Gazeta do Alto Piranhas*, de Cajazeiras-PB.

Fonte: Site “Coisas de Cajazeiras”.

15 de junho de 2003. Uma data que marcou uma triste história em Cachoeira dos Índios. Acredita-se que depois de um sonho, que trazia um aviso não atendido, uma morte aparecia também nesse espaço, no mesmo contexto. A manchete acima relata três mortes, provocadas por um acidente automobilístico, na serra de Monte Horebe, na rodovia PB 400. Uma das vítimas é o vice-prefeito de Cachoeira dos Índios, Francisco de Souza Leite, Chico de Lino.

Essa morte, além de trágica, serviria de comprovação para o sonho, seriam as consequências de não terem atendido ao pedido de retorno da estátua, como apresenta alguns romeiros da cidade. Esse evento causou um verdadeiro caos em Cachoeira. Começou a mexer com a imaginação dos indivíduos, formulando algumas respostas imediatas para o acontecido, como: coisa do destino, coincidência, castigo, entre outros. Tudo isso vai desenrolar uma trama misteriosa, composta por simbolismos e práticas religiosas.

A religiosidade popular, fortemente presente na sociedade cachoeirense, tratou de explicar o fato atrelando a morte à retirada da estátua, com base no sonho. Muito nos inquieta esse fato, que serve de base para a problematização deste trabalho. Questões religiosas e políticas aparecem a todo tempo nesse cenário. A religiosidade sempre mais forte. Os significados religiosos são muito marcantes nesse momento da morte do vice. Um sonho que está inserido nesse contexto da religiosidade popular, capaz de trazer a maior e melhor explicação para o acontecido, fato que fica evidente a partir dos discursos presentes nos jornais e nas falas dos moradores.

O sonho, uma particularidade do imaginário cristão, serve de base para a formação do mistério, mesmo não sendo uma totalidade que acredita que as mortes sejam explicadas pela retirada da estátua. Estes sonhos estão cercados pelo mistério. Essa coincidência entre o sonho e a morte comporta a formação desse mistério, produzindo o imaginário de medo em torno da estátua. O medo segundo Delumeau (1978),

[...] é ambíguo. Inerente a nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente da morte [...]. Mas se ultrapassa uma dose suportável, ele se torna patológico e cria bloqueios. Pode-se morrer de medo ou ficar paralisado por ele [...] (DELUMEAU, 1978, p. 19).

O medo nasce do mistério que envolve a estátua e as mortes. Esse imaginário se cristaliza a partir dessa relação, sendo o mistério capaz de revelar o poder da imagem sobre a sociedade. É esse o imaginário que se cria nesse momento. Não foi algo natural, envolveu

mortes e uma estátua. Os discursos traduzem esse medo e os jornais reforçam isso como mistério. Os jornais podem estar produzindo uma verdade, sem mostrar outras. Mesmo assim, o que fica claro para nós é que essas mortes só encontram explicação nessa retirada da estátua, pelo menos é essa a ideia dos jornais e da população local.

Independente das verdades produzidas pela mídia, nossa intenção é mostrar que o imaginário de medo se firmou a partir desses termos e que a coincidência entre o sonho e o acidente cristalizaram esse pensamento.

3.2 Um segundo sonho... mais uma morte!

Continuou por toda a cidade e região as discussões e formulações em torno da morte do vice-prefeito e a busca por explicações. A reforma da praça seguia e a imagem do Padre Cícero continuava guardada na biblioteca municipal. Depois da morte do vice, Cachoeira voltou a normalidade cotidiana? Deixou esse fato silenciado, com o passar do tempo? Isso poderia até ter acontecido, se um novo sonho não tivesse surgido nesse cenário.

O segundo sonho, protagonizado pela mesma mulher, trazia basicamente os mesmos significados do primeiro. Como afirma Dona Francisca das Chagas, em seu segundo sonho, Padre Cícero apareceu ao lado do vice-prefeito e do prefeito, avisando que a estátua deveria voltar imediatamente ao seu local original.

Dessa vez, ela procurou a viúva de Chico de Lino para implorar pelo retorno da imagem. A viúva, fortemente religiosa, acreditou no sonho e disse que iria conversar com o prefeito para tentar resolver o mais rápido possível essa situação. Com esse segundo sonho, podemos perceber que cada vez mais o religioso ganha espaço nesse cenário para explicar os fatos. Com esse segundo sonho, o mistério retorna. Vejamos o relato de Dona Chagas:

No sonho eu via ele, nera! Falava só na estátua. Era ele dum lado, Dr. Souza... a estátua no meio, Dr. Souza de um lado e ele dôto! Eu sonhei duas vezes. No sonho ele chegava e dizia: nada, num foi nega? Num voltou a estátua de jeito nenhum? Aí eu disse: não! (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

O medo ressurgiu, pois o fato se repetiu. O discurso de Dona Chagas nos traz um elemento importante: o sonho, que faz parte do universo do imaginário cristão. Os sonhos e visões são elementos que conferem explicação para as mortes relacionadas com a estátua. O temor à imagem, através dos sonhos apresentados no discurso de Dona Chagas, parece

conferir a veracidade explicativa para os acontecimentos. Porém, esse não é o único olhar, pois alguns acreditam ser apenas destino e fatalidade, como narra uma moradora de Cachoeira dos Índios, ao ser questionada sobre o acontecido:

Repórter: O assunto gera uma grande polêmica em Cachoeira dos Índios. A morte do prefeito teria alguma ligação com a imagem do Padre Cícero?
Moradora: Acho que não, né? Por que tinha de acontecer. Por que tinha de o prefeito e o vice tinha que morar com Jesus. Eu acho que não foi nada disso. Só que foi bom ela voltar pro lugar dela (O MISTÉRIO DA IMAGEM, 2007).

Essa fala se torna importante porque nos apresenta um outro olhar possível de reflexão. Se para alguns esses fatos estão cercados por um mistério, para outros é apenas coisa do destino ou mera coincidência dos fatos. Porém, percebam que, no final da fala, ela diz que foi bom a volta da estátua para o seu lugar de origem. Nessa perspectiva, devemos perceber que, mesmo os discursos sendo distintos, o que se mantém é o medo da imagem. Independente de como os moradores vejam esse fato, eles temem a imagem, dotada de poder, cristalizando esse imaginário de temor.

O único que parecia não temer foi o prefeito. Suas crenças pareciam ir além da religiosidade popular. Procurado pela viúva, que lhe contou o novo sonho, não acreditou e continuou com a reforma até o dia 31 de março de 2004, nove meses depois da morte do vice.



Imagem 08 – Manchete da morte do prefeito de Cachoeira dos Índios publicada pelo jornal *Gazeta do Alto Piranhas*, de Cajazeiras.

Fonte: Site “Coisas de Cajazeiras”

A imagem acima traz a manchete da morte do prefeito de Cachoeira dos Índios, José de Sousa Bandeira. Segundo a notícia, o administrador municipal faleceu vítima de acidente automobilístico, no dia 31 de março de 2004. De acordo com informações extraídas do jornal, o acidente aconteceu às nove horas da manhã, na alça sudoeste da BR-230, em Campina Grande - PB. O carro S-10 que conduzia o prefeito de Cachoeira dos Índios despontou da pista e capotou impetuosamente três vezes, ficando muito desgastado. Segundo informações do motorista, o acidente foi provocado por um carro, modelo *Chevette*, que atravessou a pista. O prefeito Sousa Bandeira teve morte no local do desastre.

A notícia ainda relembra em suas páginas o falecimento do vice-prefeito Francisco de Sousa Leite, “Chico de Lino”, fato ocorrido nove meses antes. A morte do prefeito ganhou repercussão regional, sendo destaque em diversas manchetes de todo o Nordeste. Um fato interessante que vale apresentar é que, em todas as matérias publicadas sobre o assunto, a notícia da morte do vice-prefeito era colocada lado a lado com a do prefeito. O fato de terem sido mortos à mesma maneira colaborou para isso. Contudo, essa relação vai além. Outras questões aparecem no decorrer dessa trama.

Pensando um pouco o jornal como fonte histórica, alguns elementos devem ser considerados: sua produção intencional, seus discursos voltados para um grupo político e ainda pode ser pensado como um veículo que manipula, silencia e produz “verdades”.

Sobre o jornal como fonte, discute LAPUENTE (2015),

O pesquisador deve ter ciência de que um periódico, independente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes. O que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, por ter por trás de sua reportagem, muitas vezes, a defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, de um alcance a um público alvo etc., advindos das pressões de governantes, grupos financeiros, anunciantes, leitores, grupos políticos e sociais, muitas vezes de modo dissimulado, disfarçado [...] (LAPUENTE, 2015, p. 06).

É de suma importância para o historiador que utiliza dessa fonte saber olhar e perceber acima de tudo essa intencionalidade, esse lugar social de quem o produz. Pois, como toda fonte, o jornal tem suas nuances e disfarces que podem se confundir aos olhos da Clío.

A notícia que chegou à cidade impressionou a todos, pois, como aponta a matéria, Cachoeira dos Índios vinha tendo um destino trágico nos últimos meses. O jornal deixa transparecer que quer causar choque coletivo com suas informações. Como uma cidade vai se recuperar de uma perda terrível, sendo sequenciada por outra da mesma maneira? Com a mesma intenção de comover toda a população e cidades vizinhas, o periódico quer também mostrar a morte do prefeito está sendo sentida. Toda essa produção é capaz de evocar emoções, despertar sensibilidades no humano, trazendo à tona uma reação coletiva de dor e perda.

Vemos nessa trajetória um novo sonho, sob crenças da religiosidade popular, atrelado a uma nova morte. Os mesmos fatos se repetem em menos de um ano, agora com um novo personagem principal. A partir disso, a imagem do Padre Cícero aparece como uma figura vingativa, que castiga aqueles que não o seguem.

A cidade entra numa verdadeira guerra interna religiosa. Pois, para muitos fieis, inclusive para o padre da Igreja Matriz de Cachoeira, Padre Cícero jamais seria vingativo. Porém, retirar sua estátua de um espaço social muito frequentado pela população não agradou a ele, nem muito menos aos moradores.

Mais uma vez fica claro o poder que a imagem do Padre Cícero exerce, fundamentada no medo que transmite. Mesmo não sendo vingança, como apresenta o discurso do pároco local, não seria interessante essa retirada. Sua própria fala confere e reforça a criação do imaginário de medo em torno da imagem.

Todos esses fatores vão configurar um imaginário em torno da imagem do Padre Cícero, principalmente quando a mesma retorna à praça e tudo volta à naturalidade. Essas questões nos levam a refletir sobre a trajetória e montagem desses eventos. Eles estão interligados, só ganham sentidos pensados conjuntamente.

3.3 A trajetória dos fatos: um esquema narrativo

Podemos afirmar que esses eventos seguem uma trajetória: sonho, morte do vice-prefeito, sonho, morte do prefeito, retorno da estátua, conquista da naturalidade da cidade. Podemos classificar essa sequência como um esquema narrativo, que nos ajuda a compreender os fatos e seus significados. Nesse momento, podemos entender que os sonhos são a chave mestra desses eventos. E ainda que a religiosidade popular tem o poder de explicar esses fatos.

Para nós, é impossível compreender esses fatos desvinculados desse esquema narrativo proposto pela pesquisa. É uma trajetória de eventos que só faz sentido quando se apresenta de forma interligada, associada um ao outro, fazendo desse esquema narrativo a formação do mistério, do imaginário.

Segundo o dicionário *Aurélio*, a palavra mistério significa: *1. Culto secreto (no politeísmo). 2. Dogma religioso que a razão humana não pode compreender. 3. Tudo o que tem causa oculta, ou nos parece inexplicável. 4. Segredo. 5. Cautela. 6. Precauções (para não ser visto nem ouvido).*

Atribuindo-se desses conceitos estabelecidos pelo dicionário, podemos considerar as duas mortes envolvendo as figuras públicas da cidade de Cachoeira dos Índios. Em um espaço temporal relativamente curto de apenas nove meses entre uma morte a outra, tendo acontecido do mesmo modo, acidente automobilístico, nos parece inexplicável e coincidente, como sugere o ponto três do significado da palavra mistério.

A sociedade cachoeirense e região não conseguia entender os fatos, ou melhor, o porquê dos acontecimentos. Iniciou-se na cidade uma busca explicativa para esses eventos. Afinal, segundo os moradores, como também coloca a mídia, não era algo normal tudo isso que acontecia naquele momento.

Uma série de perguntas e inquietações rondavam esses fatos. Por que dois administradores que trabalhavam em conjunto, de uma mesma cidade, terem o mesmo destino e de forma tão próxima? Uma explicação havia de ter. Mesmo que, para muitos, era algo destinado a acontecer, algo que “estava escrito”; para outros, essa explicação não bastava. Eis que surge o a linha que vai costurar uma colcha explicativa.

Durante o mandato do prefeito Souza Bandeira, mais precisamente no seu último ano como administrador municipal, ele resolveu reformar a praça central da cidade. A praça, conhecida pelo nome de praça Padre Cícero necessitava ser reformada. Para que a reforma iniciasse, foi necessário a retirada da estátua do Padre Cícero, que estava no centro da praça. Essa reforma, juntamente com a retirada da estátua, vai servir de base explicativa para o mistério das mortes. Segundo alguns jornais, como *Gazeta do Alto Piranhas* e *Diário do Nordeste*, essa reforma era a explicação para as mortes.

Uma devota do Padre Cícero Romão Batista, moradora da cidade de Cachoeira dos Índios, sonhou com o Padre e, no sonho, ele advertia que a estátua retornasse imediatamente para o seu local de origem, caso contrário, a cidade passaria por problemas. Sendo uma forte devota do “Padim”, a senhora imediatamente procurou o prefeito para contar o sonho e pedir

que ele atendesse ao pedido. O mesmo contraria e, curiosamente, na semana seguinte o vice-prefeito morre.

Esse fato movimentou toda a população local, como também regional. Toda a imprensa paraibana se voltou para esse acontecimento, que acabou ganhando repercussão nacional. Outro fato iria acontecer e não demorou muito.

Um novo sonho aconteceu. Dessa vez, a senhora sonhou com o vice-prefeito ao lado de Padre Cícero e o pedido era o mesmo: o retorno imediato da estátua. Dessa vez, a romeira procurou a viúva do vice-prefeito para lhe contar o fato. A mesma prometeu conversar com o prefeito e resolver essa questão. O prefeito, no intuito de terminar a reforma, mais uma vez não atendeu ao pedido. Com apenas nove meses da morte do vice, o prefeito morre nas mesmas circunstâncias.

A sociedade procurava respostas para tudo isso que se passava. Uma série de discursos se voltou para a imagem. A estátua passou a ser vista como algo temeroso, causando medo na população. Os fatos foram vistos por inúmeros olhares, como “coisa do destino”, “a culpa é da estátua”, dentre outras explicações. Uma coisa é certa, que de forma unanime, como aponta os jornais, a explicação maior seria essa relação mistério e fé, morte e religião.

Pensando historicamente esses eventos, podemos perceber que há toda uma trajetória dos fatos marcada por acontecimentos interligados, associados a um conjunto de elementos sociais, em que agentes históricos participaram ativamente dessa construção, assinalada por uma coletividade.

Assim o imaginário de medo se cristaliza efetivamente, pois como afirma Delumeau (1978),

No sentido estrito e estreito do termo, o medo é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. [...] Como toda emoção, o medo pode provocar efeitos contrastados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa [...] (DELUMEAU, 1978, p. 23).

A afirmação de Delumeau é importante porque nos faz pensar o medo como reação ao desconhecido, ao choque provocado por uma quebra da rotina, pela impetuosidade do imprevisto, do incomum. É justamente isso que faz as narrativas elaborarem o esquema narrativo aqui explicitado: a surpresa e o choque do ocorrido fez com que explicações fossem buscadas no sobrenatural, no desconhecido, no poder e na fé que o sonho mencionava e, conseqüentemente, no medo e no imaginário que se criou em torno da estátua.

É de suma importância ressaltar que os discursos jornalísticos que deram cobertura aos eventos na época têm sua contribuição e intencionalidade, reforçando esse mistério, pois a todo instante está presente esse simbolismo do medo, representado pela estátua. Como Historiadores não devemos formular vereditos finais, apenas estamos interpretando os acontecimentos e apresentando suas versões, suas verdades, que foram produzidas pela própria mídia, como também pelos discursos dos indivíduos que vivenciaram as mortes e toda essa trama envolvendo a estátua do Padre Cícero existente na praça central de Cachoeira dos Índios. Pensando historicamente a construção desses fatos, embasados pela História Cultural, eles estão recheados de representações, marcados por um simbolismo nas interpretações dos sujeitos históricos a fim de explicar a realidade. Assim, fica claro que a tentativa de explicar os acontecimentos leva à imagem o medo, fazendo surgir um imaginário em torno da estátua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo discutimos a estátua em seu sentido estético, a partir de textos que debatem o conceito de imagem, na tentativa de propor uma análise sobre a imagem do Padre Cícero existente na praça, como também de entender a formação desse imaginário de medo. No segundo capítulo, fizemos um estudo da praça, enquanto espaço público, pensando os usos e práticas religiosas que o sacralizaram. No terceiro capítulo, trabalhamos com as narrativas das mortes e a relação com a estátua, tentando problematizar a construção desse imaginário de medo.

Este trabalho investigou a construção de um imaginário de medo em torno da estátua Padre Cícero existente na praça central de Cachoeira dos Índios, mostrando que as mortes envolvendo os administradores municipais só se tornam possíveis de análise a partir dos sonhos e visões, características da religiosidade popular, compondo um esquema narrativo: sonho, morte do vice, sonho, morte do prefeito, retorno da estátua, conquista da “ordem natural” da cidade.

Dessa forma, as mortes e os sonhos presentes nos discursos sobre os fatos que envolveram a estátua só fazem sentido pensados em conjunto, articulados com a estátua e com os significados que são atribuídos a ela, respaldado pelo universo religioso que a envolve: a fé e a crença de um povo.

Outro ponto que se concretiza em paralelo com a construção desse imaginário em torno da estátua é a mudança ocorrida na praça. Com todos esses eventos, sujeitos e elementos que estão nessa teia imaginária, acabam transformando o espaço público onde a imagem está localizada. A praça se consolida como um espaço sagrado, intocável pelas instancias política e social. O que está acima de tudo é o cenário religioso. Pois, com todos esses desdobramentos, a imagem não pode, em hipótese alguma, ser removida ou reformada. Ela exerce um poder supremo na sociedade cachoeirense pelo medo que ela transmite a partir do mistério que a envolve.

Portanto, para entendermos esse elo de construção imaginária da estátua, temos a própria imagem como o objeto que materializa esses sonhos envolvendo a estátua e, conseqüentemente, colaborando para a construção desse imaginário. Assim, pensamos essa construção atrelada à imagem e a imaginação. O imaginário constrói uma identidade para a estátua, caracterizando como misteriosa, a partir do medo que se formula pelos sonhos e premonições envolvendo as mortes e a estátua.

Desse modo, concluímos que o sonho é o elemento que atribui significado a esse imaginário, a partir dos discursos produzidos pela mídia, fazendo surgir esse medo. Dessa forma, o que está em jogo não é dizer que o Padre Cícero é culpado ou não, mas sim refletir sobre a capacidade das pessoas em lidar com o sobrenatural, de produzir imaginários, de buscar a todo tempo explicações para esses fenômenos. O homem e sua eterna busca por explicações para o desconhecido.

FONTES

Jornais

Gazeta do Alto Piranhas, 2004.

Coisas de Cajazeiras (online), 2004.

Diário do Nordeste, 2011.

O Bê-á-bá do Sertão, 2004.

Entrevistas

SILVA, Vanderlucia Soares da. Entrevista concedida ao autor. Cachoeira dos Índios, 2016.

ALBUQUERQUE, Cícero. Entrevista concedida ao autor. Cachoeira dos Índios, 2016.

ALENCAR, Egídio Ricardo. Entrevista concedida ao autor. Cachoeira dos Índios, 2016.

Vídeo (documentário)

O MISTÉRIO DA IMAGEM. **Youtube**. 25 de maio de 2017. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xG6v94gbf3s>>. Acesso em: 30/08/2016.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora, 2005.
- _____. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In _____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 13-31.
- ARIÉS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. (Org.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 296-332.
- BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARBIER, René. **Sobre o imaginário**. Brasília: Liber Livro Editora 1994.
- BARROS, Luitgarde. **A terra da Mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Bauru: EDUSC, 2008.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CARNEIRO, Caio Porfírio. **Padre Cícero: o santo do agreste**. São Paulo: Editora Claridade 2007.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- CEZÁRIO, Danilo de Sousa. **São José das botijas ou as botijas de piranhas: a formação de um imaginário histórico-cultural no sertão paraibano (São José de Piranhas 1930-1950)**. 2014. 66f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014.
- CHIAVENATO, Júlio José. **A morte uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800)**. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia de Bolso, 1978.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral - possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- INHAM, Paula Estrela Casali. **Religião católica: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas**. Juiz de Fora: UFJF, 2015. (Monografia de Especialização).

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos.** Porto Alegre: Alcar, 2015.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e memória.** 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p. 535-553.

_____. **Heróis e maravilhas da Idade Média.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUCCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Maria Salete Kern; COSTA, Cléria Botelho da (Orgs.). **Imaginário e história.** Editora Marco Zero / Paralelo 15, Brasília, 1999.

MEDEIROS, Daniel H. de. **Padre Cícero: O Santo do Povo.** São Paulo: Editora do Brasil, 1989. (Coleção lutas do nosso povo).

LIRA NETO. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, Edianne. **O teatro de Deus: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro.** 1. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci.** Fortaleza: Premium, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto história,** São Paulo, 1981. p. 13-33.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero.** 2000. 350f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média.** Bauru: EDUSC, 2007.

SOUSA, Silvana Vieira. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do Século XX.** 2010 Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SOUZA, Alênicon Pereira de; SOUZA, Everton David Santos de. **Evolução gráfica da primeira página do *Gazeta do Alto Piranhas*.** Campina Grande: Intercon, 2013.

YOKOO, Sandra Carbonera; CHIES, Cláudia. **O papel das praças públicas: estudo de caso da praça Raposo Tavares na cidade de Maringá.** Maringá: UEM, 2009.